

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Departamento de Educação e Psicologia

Escola de Ciências Humanas e Sociais

**Condutas desviantes e violência interparental numa amostra de adolescentes
portugueses**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ana Lúcia Moreira Teixeira

Orientação: Professora Doutora Alice Margarida Martins dos Santos Simões e Professora

Doutora Inês Moura de Sousa Carvalho Relva



Vila Real, 2019

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Educação e Psicologia
Escola de Ciências Humanas e Sociais

**Condutas desviantes e violência interparental numa amostra de adolescentes
portugueses**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ana Lúcia Moreira Teixeira

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia, Escola de Ciências Humanas e Sociais sob a orientação da Prof^ª Dr.^ª Alice Margarida dos Santos Simões e Coorientadora Prof^ª Dr.^ª Inês Relva.

Vila Real, 2019

Declaro que todo o conteúdo e/ou ideias presentes são da minha inteira responsabilidade. Este trabalho foi expressamente elaborado como dissertação original para efeito de obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica, sendo apresentado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Educação e Psicologia.

“O êxito começa no momento exato em que o homem decide o que quer e começa a trabalhar para o conseguir.”

Roberto Shinyashiki

Agradecimentos

O trabalho apresentado compõe uma etapa árdua, intensa, de dúvidas, capacidade pessoal e lutas internas, mas ao mesmo tempo enriquecedora. Finalizada esta etapa, não poderia deixar de expressar o mais profundo agradecimento a todos aqueles que me apoiaram nesta longa caminhada.

Em destaque, agradeço aos meus **pais**, por me proporcionarem a oportunidade de seguir os meus sonhos, por me transmitirem os principais valores da vida, por me ensinarem que com esforço e dedicação tudo é possível.

Ao meu **irmão**, por ser um dos pilares mais importantes da minha vida, por não me deixar desistir e por toda a força transmitida.

Aos meus **amigos e familiares**, por todos os sorrisos, por todo o apoio que sempre me prestaram. Em especial à **Rita** e à **Cristiana**, por toda esta caminhada vivida juntas, pela partilha de angústias, ajuda mútua, apoio incondicional, compreensão e escuta. Obrigada por não deixarem de acreditar em mim e por juntas, termo-nos tornado mais fortes.

Ao meu **namorado**, um obrigada por me acompanhar, transmitir confiança e por todo apoio constante.

Um enorme obrigada às minhas orientadoras, a professora **Margarida Simões e Inês Relva**, pela disponibilidade e empenho, pela motivação e dedicação, pelos conselhos e compreensão ao longo deste percurso. Por me fazerem dar mais e melhor e por me ajudarem a crescer.

Agradecer a todos os docentes da **Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro**, por todos os ensinamentos transmitidos e por terem feito parte deste percurso.

Por último, mas não menos importante, a todas as instituições que se disponibilizaram para a recolha dos dados, e a todos os **adolescentes** que fazem parte da presente investigação.

A todos o meu sincero e profundo, *Obrigada!*

Índice

Introdução.....	1
Estudo Empírico I: Propriedades psicométricas do Questionário de Conduta Antissocial (CCA) numa amostra de adolescentes portugueses	
Resumo	5
Abstract.....	6
Método	12
Participantes.....	13
Procedimento	13
Instrumentos.....	14
Análise estatística.....	15
Resultados.....	17
Modelo1: Avaliação do ajustamento local sem correlação de erros.....	17
Modelo2: Avaliação do ajustamento local com correlação de erros	19
Discussão.....	22
Limitações, propostas para estudos futuros e implicações práticas	24
Conclusão	25
Referências Bibliográficas	27
Estudo empírico II: A vivência da violência interparental e o desenvolvimento de comportamentos desviantes numa amostra de adolescentes portugueses	
Resumo	32
Abstract.....	33

Método	41
Participantes	41
Procedimento	42
Instrumentos	42
Análise estatística.....	45
Resultados	46
Análise diferencial dos comportamentos desviantes e das táticas de resolução de conflitos observados em função do sexo	46
Análise diferencial dos comportamentos desviantes e das táticas de resolução de conflitos observados em função da idade	48
Associação entre as táticas de resolução de conflito observadas, os comportamentos desviantes, médias e desvio padrão	49
Papel preditor do sexo, da violência emocional e física perpetrada pelo pai e pela mãe no desenvolvimento de condutas desviantes	50
Discussão	53
Limitações, propostas para estudos futuros e implicações práticas.....	57
Referências Bibliográficas	59
Considerações Finais.....	65
Referências Gerais.....	68
ANEXOS	72

Índices de Figuras e Tabelas

Estudo Empírico I

Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) traduzido por Martins (2005) sem correlação de erros.....	18
Figura 2. Análise Fatorial Confirmatória do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) traduzido por Martins (2005) com correlação de erros.....	20
Tabela 1. Índices de ajustamento das AFC dos diferentes modelos.....	21
Tabela 2. CCA e correlação de <i>Pearson</i>	21
Tabela 3. Comportamentos desviantes em função do sexo.....	22

Estudo Empírico II

Tabela 1. Comportamentos desviantes e táticas de resolução de conflitos usadas pelos pais em função do sexo.....	47
Tabela 2. Comportamentos desviantes e táticas de resolução de conflitos usadas pelos pais em função da idade.....	49
Tabela 3. Correlações das dimensões das <i>CTS</i> e do <i>CCA</i> , médias e desvio padrão.....	50
Tabela 4. Papel preditor do sexo e das táticas de resolução de conflitos no envolvimento de condutas desviantes.....	52

Lista de Siglas e acrónimos

CCA- Questionário de Condutas Antissociais

CTS- *Conflict Tactic Scale*

CFI- *Comparative Fit Index*

GFI- *Goodness of Fit Index*

DP- Desvio-Padrão

M- Média

RMSEA- *Root Mean Square Error of Approximation*

SPSS- *Statistical Package for Social Sciences*

AMOS- *Analysis Of Moment Structures*

AFC- Análise Fatorial Confirmatória

Introdução

O período da adolescência e o ambiente familiar são temas que tem levantado grande interesse tanto para a psicologia como psiquiatria. A adolescência apresenta-se como uma fase evolutiva na vida do ser humano, na procura de uma forma diferente de se ver a si e ao mundo que o rodeia, busca de identidade, desequilíbrios, situações de risco e vulnerabilidade (Sá, Gasparetto, Maciel, Nunes, Felisbin, & Felipeto, 2018). Neste âmbito, o desvio é considerado como normal, dada a sua frequência observada nestas idades (Matos, 2019). O número de transgressões, violação das normas de um grupo ou comunidade classificadas como delinquência juvenil, constitui-se como um grave problema social (Benavente, 2002).

Quando se aborda o tema da delinquência, questiona-se sobretudo pelo porquê de os jovens desenvolverem estes tipos de comportamentos, sendo difícil encontrar respostas. A identificação de fatores de risco, apresenta-se como essencial na prevenção dos comportamentos delinquentes, desde fatores individuais, familiares ou grupo de pares desviantes (Caridade, Martins, & Nunes, 2019).

O ambiente familiar tem apresentado grande relevância nas relações interpessoais dos jovens, pela transmissão de valores, formação individual e social e como uma preparação para a vida adulta (Formiga, 2005; Gomes, Diniz, Araújo, & Coelho, 2007). Portanto, acreditamos que a família assume no desenvolvimento do indivíduo um papel essencial, capaz de proporcionar elementos de suporte social e económico, que possibilitem o seu desenvolvimento e inserção social.

Nos últimos anos, tem-se verificado um aumento dos casos de violência doméstica, mas o que tem despertado maior preocupação, recai sobre a ocorrência destes comportamentos, na presença dos filhos do casal, um ponto que deverá ser tido em conta, uma vez que provoca nos jovens, repercussões negativas no seu desenvolvimento, saúde e bem-

estar (Durand, Scraiber, Junior, & Barros, 2011). Aquando de acontecimentos no âmbito doméstico, considera-se que todos os membros da família, encontram-se envolvidos, acabando também por se assumirem como participantes do contexto, quer de modo direto como indireto, porém estatisticamente, ainda não esta diferenciada a percentagens de jovens expostos à violência, sendo que os dados apenas aludem aos casos de vitimação direta em contexto familiar, e não ao tipo de vitimação indireta (Sani, 2006). Jovens na qual, a sua vivência familiar seja marcada pele conflito conjugal, sofrem inevitavelmente consequências (Santos & Costa, 2004).

A violência interparental, a constatação presencial da violência entre os progenitores, constitui-se como uma forma de maltrato para o jovem. Um problema que não é novo, e que tem vindo a despertar um olhar mais atento na sociedade.

A investigação nos últimos anos, tem assinalado que a exposição ao conflito interparental, constitui-se como um forte fator de risco para o ajustamento dos adolescentes (Casimiro, 2013; Silva & Santos, 2018). Vários autores afirmam que a presença deste tipo de violência esta fortemente relacionado com vários problemas comportamentais, mais concretamente com a delinquência (Bourassa, 2000; Evans, 2008; Paula & Assunção, 2013). Ora, é precisamente a associação com as condutas desviantes, que nos surge como uma situação preocupante, e que no presente estudo foi desenvolvida e estudada.

Sendo a problemática da delinquência juvenil, cada vez mais presente na vida dos adolescentes, e visando a excelência da prática clínica e da intervenção em saúde, é necessário a existência de instrumentos que avaliem de modo eficaz a presença deste tipo de condutas em jovens adolescentes. Segundo Mâroco (2014) surge a necessidade de se validarem os instrumentos, de modo a aferir constructos de forma fidedigna e confiável.

Deste modo, a presente dissertação enquadra-se, numa primeira fase, na necessidade de aprofundar o conhecimento epistemológico e metodológico da investigação científica, e

apresentar um instrumento que avalie os vários tipos de condutas desviantes, desde:

vandalismo, agressão, condutas contra as normas, consumo de drogas e roubo.

Posteriormente, será apresentada uma parte empírica, expondo os dados psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) de Mirón (1990) traduzido por Martins (2005), para a validação em contexto português. O instrumento em causa, tem vindo a ser utilizado em várias investigações (Bessa, 2011; Curto, 2000; Martins, 2005; Mirón, 1990; Pinto, 2014; Rodriguez & Redondo, 2008; Rodríguez, Mirón, & Rial, 2012; Rodriguez, 2014), apresentando bons valores de confiabilidade, mas não fazendo referência quanto à análise fatorial confirmatória, sendo esse o objetivo proposto, para o primeiro estudo.

Numa segunda fase, a dissertação, debruça-se sobre as questões relacionadas com a violência interparental. Objetivou-se verificar o impacto da vivência da violência interparental em adolescentes, avaliada através das *Conflict Tactics Scale* (CTS) nas dimensões de violência física e emocional perpetradas pelos progenitores aquando um conflito, e a associação com as diferentes condutas desviantes avaliadas pelo Questionário de Condutas Antissociais de Mirón (CCA) (1990) traduzido por Martins (2005). Nesta segunda fase, serão apresentadas questões conceptuais, apresentando também alguns dados nacionais e internacionais sobre esta problemática, e num segundo ponto apresentada a parte empírica.

Terminamos a presente dissertação, como uma conclusão geral, sendo refletidos os aspetos mais importantes encontrados na investigação realizada.

ESTUDO EMPÍRICO I

“Propriedades psicométricas do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) numa amostra de adolescentes portugueses”

“Psychometric properties of the Antisocial Conduct Questionnaire (CCA) in a sample of Portuguese adolescents”

Resumo

A adolescência apresenta-se por um período marcado por grande agitação, inconformismo e irreverência, bem como pelo desenvolvimento da personalidade, funcionamento cognitivo e socio-emocional do jovem. É também nesta fase que os adolescentes tendem a assumir os principais comportamentos desviantes, constituindo-se como um grave problema social que requer especial atenção. Dada a problemática, torna-se necessário a existência de uma escala que avalie de modo competente estes comportamentos. A presente investigação pretendeu analisar, numa amostra de 608 adolescentes (entre os 12 e 20 anos), da zona norte de Portugal, através da análise fatorial confirmatória, as qualidades psicométricas do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) de Mirón (1990) traduzido por Martins (2005). Um instrumento de autorrelato que permite avaliar as diferentes condutas desviantes dos adolescentes desde: vandalismo, roubo, agressão, condutas contra as normas e consumo de drogas. Os resultados evidenciaram propriedades psicométricas adequadas para a sua utilização em amostras de adolescentes portugueses.

Palavras-chave: delinquência juvenil, condutas desviantes, adolescentes, análise fatorial confirmatória

Abstract

Adolescence presents itself for a period per great agitation, nonconformity and irreverence, as well by the development of the personality, cognitive and socio-emotional functioning of the young person. It is also at this stage that teenagers tend to assume the main deviant behaviors, constituting themselves as a serious social problem that requires special attention. Due the problem, it is necessary to have a scale that competently evaluates these behaviors. The present research aimed to analyze, through a confirmatory factorial analysis, the psychometric qualities of the Mirón Antisocial Conduct Questionnaire, translated by Martins (2005), in a sample of 608, adolescents from northern Portugal (12-20 years old). An instrument of self-report that allows to evaluate the different deviant behaviors of teenagers since: vandalism, theft, aggressiveness, deviant behavior of the standard rules and consumption of drugs. The results showed good psychometric properties for use in samples of portuguese teenagers.

Keywords: Juvenile delinquency, different desviant, teenagers, confirmatory factor analysis

Propriedades psicométricas do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) numa amostra de adolescentes portugueses

A adolescência apresenta-se por um período que se encontra entre a infância e a idade adulta. As primeiras transformações ocorrem por volta dos 12 anos (puberdade), dando por terminada com a entrada da vida adulta por volta dos 20 anos, apesar de não estar totalmente definida. As transformações verificam-se a nível fisiológico, cognitivo e emocional sendo nesta fase que o indivíduo adquire maturidade, emergência do pensamento formal, autonomia, idealização de projetos futuros e principalmente, construção de uma identidade positiva. A questão da identidade representa a imagem que temos de nós próprios, e das diferenças face aos outros. Torna-se desse modo importante, que seja construída uma identidade positiva, prevendo que o adolescente continue o seu “Eu”, independentemente das diversas mudanças que estão a suceder consigo (Gordon, 2017; Martins, 2005; Matos, 2019).

Torna-se um período marcado pelas experiências, os excessos, considerado o desvio o que os afasta da norma e como normal nesta fase do desenvolvimento, dada a sua frequência (Matos, 2019). Um período de elevada turbulência provocando elevada ansiedade, insegurança, revolta nos adolescentes, influenciando no seu comportamento, adotando em determinadas situações comportamentos denominados por antissociais (Lourenço & Paiva, 2006).

Estas transformações implicam a modificação das relações entre o próprio e os contextos sociais em que se encontra inserido. Os cenários sociais privilegiados passam pela família, escola, grupo de pares, comunidade (Tomé, Camacho, Matos, & Alves, 2011). Por norma, os grupos de pares em que se inserem são constituídos por adolescentes de idades próximas, que partilham dos mesmos interesses e necessidades, na qual os seus comportamentos seguem os modelos dos restantes elementos do grupo, funcionando como um meio de integração nesse grupo (Gordon, 2017).

Através de um estudo realizado Prinstein, Boergers e Spirito (2001) tendo como principal objetivo verificar os comportamentos do grupo de pares como preditores de comportamentos de risco, foi possível concluir que os comportamentos agressivos e o consumo de substâncias estão intimamente relacionados com o grupo de pares, podendo ainda estar relacionado com a possível existência de disfunção familiar, baixa aceitação social, depressão e ansiedade. As transgressões cometidas pelos adolescentes, classificadas como delinquência juvenil, representam um grave problema social (Benavente, 2002).

Relativamente à definição de “delinquência juvenil” na literatura não se chega a um acordo, encontrando-se de um modo excessivo a utilização do termo delinquência, referindo-se aos atos transgressivos ou violação das normas, considerados inapropriados por causarem danos a outros (Conde & Teixeira, 2018; Lourenço & Paiva, 2006). No âmbito legal representa a violação de leis penais, pela psiquiatria a delinquência juvenil corresponde a uma perturbação do comportamento social ou mesmo podendo ser considerada como uma perturbação psicossocial no desenvolvimento, englobando atos transgressivos (agressão, furtos, fugas, condutas face às normas). Uma problemática que requer uma análise complexa, visto manifestar-se a partir de variáveis biológicas, comportamentais e cognitivas do indivíduo (Couto, 2004; Laranjeira, 2007).

Segundo Bessa (2011), a diferença entre os comportamentos antissociais e delinquência juvenil passa sobretudo por a delinquência juvenil apresentar um caráter jurídico, enquanto que o comportamento antissocial implica apenas uma conotação comportamental e moral.

O período da adolescência marcado por grande agitação, inconformismo, e irreverência, na qual os estudos têm comprovado que as principais manifestações dos comportamentos desviantes se refletem cada vez mais precocemente, aproximadamente por

volta dos 11-12 anos, aumentando a sua incidência aos 16-17 anos, desenvolvendo comportamentos antissociais e transgressões violentas (Freire, Simão, & Ferreira, 2006).

Laranjeira (2007) verificou que a ligação entre adolescência e a infração pode ser considerada como impreterível ou mesmo necessária para o progresso, como um modo de socialização. A transgressão encontra-se relacionada com estratégias de organização de uma desordem interior, ou como uma tentativa de expressar autonomia.

Dada a problemática, é de extrema importância o desenvolvimento de uma escala que avalie de modo competente o comportamento desviante dos adolescentes. Neste sentido foi desenvolvido por Mirón (1990) o Questionário de Condutas antissociais (CCA). A realização da parte da autora justificou-se sobretudo por não existir em Espanha nenhum questionário que avaliasse as áreas mais pertinentes das condutas desviantes. Sendo que num primeiro momento Mirón (1990) decidiu realizar uma pesquisa sobre os instrumentos existentes neste âmbito e seleccionar os aspetos mais relevantes.

Após esta revisão, a autora agrupou 105 itens sobre condutas desviantes em 5 variáveis, de acordo com os diferentes tipos de condutas: conduta contra as normas, vandalismo, roubo, agressões contra pessoas e consumo de drogas.

Para testar a eficácia destes itens Mirón (1990) realizou um estudo piloto com adolescentes institucionalizados na qual os resultados obtidos acrescentaram cerca de 29 itens ao questionário. Sendo o total de itens 141, na qual os adolescentes respondiam a cada item em termos da frequência de realização: nunca (0 vezes), poucas vezes (1 a 5 vezes), bastantes vezes (6 a 10 vezes) e muito frequentemente (mais de 10 vezes).

Para testar a nova versão do questionário num estudo realizado por Mirón e Otero (2005), recorreram a uma amostra de 293 adolescentes, apenas do género masculino, de idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, dos quais 206 não eram delinquentes e 48 delinquentes. Através das análises realizadas, e comparando as médias dos grupos,

verificaram que 128 dos 141 itens permitiram estabelecer diferenças significativas. Uma vez, que o número de itens era muito elevado, e tendo como intuito a construção de um instrumento de medição fidedigno, foram selecionados apenas 82 itens apresentando diferenças mais significativas, entre os dois grupos. Após os resultados obtidos, a escala final ficou constituída por 82 itens agrupados em 5 dimensões: condutas contra as normas (13 itens), Vandalismo (15 itens), Roubo (18itens), Agressão (15 itens) e consumo de Drogas (21 itens), sendo cada item respondido numa escala de *likert* de 4 pontos “Nunca” (0), “Quase Nunca” (1), “Algumas Vezes” (2), “Muitas vezes” (3) e “Muito frequentemente” (4). De acordo com esta autora, o questionário possibilita a obtenção de informação no domínio das condutas antissociais dos adolescentes.

A escala foi utilizada em diferentes investigações (Bessa, 2011; Curto, 2000; Martins, 2005; Mirón, 1990; Pinto, 2014; Rodriguez & Redondo, 2008; Rodríguez, Mirón, & Rial, 2012; Rodriguez, 2014) verificando-se resultados satisfatórios de confiabilidade. Mas, considerando ainda o número de itens excessivo, em alguns trabalhos, os autores da escala optaram por ajustar o conteúdo da escala aos itens que melhor o compõe.

Numa investigação realizada por Martins (2005) e de modo a adaptar o questionário à população portuguesa, com a autorização da autora do instrumento, procedeu a tradução e adaptação do questionário para o seu estudo, apresentando uma versão apenas com 51 itens (tendo em conta a idiossincracia da população, a repetição temática de alguns itens e as necessidades próprias da investigação, ou seja, dificuldades dos participantes em entender os itens, daí a redução das questões para facilitar a execução do estudo), distribuídos pelas seguintes dimensões: conduta contra as normas (14itens), vandalismo (7itens), roubo (13itens), agressão contra pessoas (10 itens) e consumo de drogas (7itens). Os valores dos coeficientes de *alpha* de *Cronbach* verificam-se bastante favoráveis nas diferentes subescalas: conduta contra as normas (.92), vandalismo (.88), roubo (.95), agressão contra as pessoas

(.89), consumo de drogas (.87) e no que respeita à Escala total (.98), confirmando a boa fiabilidade e consistência interna da escala.

Mirón e Rodriguez (2008) levaram a cabo uma investigação cujo objetivo passava por avaliar 283 adolescentes venezuelanos de ambos os sexos, pretendendo avaliar os processos e dinâmicas existentes nos grupos de pares, que pudessem contribuir para comportamentos antissociais. De um modo específico pretendiam analisar a incidência da aprendizagem comportamental e das relações afetivas nos grupos de pares, a influência da família e gênero no relacionamento dos adolescentes. Os resultados vieram ao encontro de investigações anteriores, refletindo que amizades na qual esteja presente o conflito, maus-tratos, falta de apoio, encontram-se intimamente relacionado com o desenvolvimento de comportamentos antissociais em ambos os sexos.

Uma outra investigação realizada por Mirón, Rial e Rodríguez (2012) em que pretendiam verificar a influência do grupo de pares, variáveis familiares/ escolares e autocontrolo no desenvolvimento de comportamentos antissociais de adolescentes do sexo feminino e masculino, recorreram a uma amostra de 471 adolescentes, 237 do género masculino e 234 do género feminino, sendo um dos instrumentos aplicados o Questionário de condutas antissociais (CCA) de Mirón (1990), recorrendo ao questionário com 51 itens. Os resultados permitiram verificar que ambos os sexos, pertencentes a um grupo de pares desviantes, perante supervisão parental deficitária, níveis baixos de autocontrolo, apresentavam-se como fortes influenciadores no desenvolvimento de comportamentos desviantes.

Já mais recentemente, numa investigação realizada por Rodriguez (2014), na qual pretendia analisar a relação entre o grupo de amigos desviantes e o comportamento antissocial dos adolescentes, verificou a influência da idade e género. Para a sua concretização recorreu a uma amostra de 665 adolescentes, estudantes do ensino médio público, dos quais 324 do sexo

feminino e 341 do sexo masculino, residentes na Venezuela, de idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos. Os resultados apontaram que a presença de grupos de pares associados à delinquência está relacionado com o desenvolvimento de comportamento antissocial em ambos os sexos e grupos etários.

O Questionário de Condutas Antissociais (CCA) tem demonstrado ao longo das investigações propriedades psicométricas adequadas, no que diz respeito à consistência interna, tanto para a escala total como para cada uma das suas dimensões. Os resultados altamente satisfatórios com um *alpha de cronbach* para o conjunto total de itens varia entre .85 a .98 (Trillo, 2012).

No entanto, os estudos realizados não têm apresentado resultados referentes à Análise Fatorial Confirmatória (AFC) da escala. Sendo que, segundo Marôco (2014) constitui-se como um procedimento essencial para averiguar a estrutura fatorial do instrumento em investigação.

Pretende-se assim, com o presente estudo, aumentar o conhecimento em torno das características psicométricas do Questionário de Condutas antissociais (CCA), numa amostra de adolescentes portugueses, tendo como objetivo geral do estudo adaptar o instrumento para a população portuguesa.

Método

O estudo segue um paradigma correlacional, pretendendo-se compreender o grau e a forma de associação entre as variáveis analisadas (Marôco, 2014). Assim como, do tipo transversal, visto as variáveis serem medidas, apenas num único espaço temporal (Mâroco, 2007). Tendo como finalidade quantificar os fenómenos recorrendo a procedimentos estatísticos, sendo analisados os dados recolhidos através de questionários.

Participantes

Na presente investigação participaram 608 adolescentes de idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos ($M:15.42$; $SD: 1.830$) de escolas da região Norte de Portugal. Dos inquiridos 306 (50.3%) dos adolescentes pertencem ao sexo feminino e 302 (49.7 %) ao sexo masculino.

Dos participantes, e no respeito ao estado civil dos progenitores, cerca de 120 (20%) dos alunos, os pais encontram-se divorciados e 484 (80%) dos alunos os pais são casados. Considerando as habilitações literárias quanto ao pai cerca de 19 (3%) responderam que o pai era analfabeto, 283 (46.5%) possuía apenas o 1º ciclo, 222 (36.5%) apenas o ensino secundário e 55 (9%) o ensino superior. Quanto à mãe, 38 (6.3%) adolescentes responderam que a mãe era analfabeta, 318 (52.3%) que possuía apenas o 1º ciclo, 187 (30.8%) o ensino secundário e 44 (7.2%) o ensino superior.

Procedimentos

O primeiro passo para a operacionalização deste estudo iniciou-se com o pedido de autorização à comissão de ética da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, sendo obtido um parecer favorável à sua realização. Após concedida a autorização foi a realizado um pedido de autorização aos diretores dos agrupamentos, para aplicação do CCA fazendo esta parte de uma bateria de 3 instrumentos aplicados no âmbito de uma investigação mais abrangente. Assim, que concedida essa autorização por parte dos diretores das escolas, foram entregues aos diretores de turma o consentimento informado para os alunos entregarem aos respetivos representantes legais, para a participação no estudo, e apenas quando tivessem devolvida a respetiva autorização assinada, eram aplicados os questionários.

Alguns agrupamentos, a direção exigiu que os questionários fossem aplicados em contexto de sala de aula pelos diretores de turma, sem a presença da investigadora. Sendo

apenas numa escola autorizada a administração pela investigadora. O seu preenchimento foi voluntário e sem recurso a qualquer tipo de incentivo externo.

A cada grupo de alunos, foram explicados os objetivos do estudo e o seu caráter voluntário, anónimo e confidencial. Sendo ainda referido, que respondessem de acordo com a sua experiência, solicitando que respondessem a todas as questões apresentadas.

O horário de administração dos questionários ficou acordado com os professores que se disponibilizaram a ceder parte da aula para o efeito. A aplicação dos instrumentos realizou-se ao longo do 3º período do ano letivo 2017/2018, tendo o tempo médio estimado para o preenchimento dos mesmos de 30 minutos.

Instrumentos

Para a concretização desta investigação foi aplicado um pequeno **Questionário sociodemográfico**, com o intuito de obter informações sobre os dados pessoais dos participantes, idade, sexo, estado civil dos pais, escolaridade dos pais e profissão dos pais.

O **Questionário de Condutas Antissociais (CCA)** de Mirón (1990), constituído por 82 itens, apresenta-se como um questionário que pretende avaliar as diferentes condutas desviantes dos adolescentes. Para a presente investigação recorreu-se à versão utilizada por Martins (2005) na qual na sua investigação, e de acordo com a autora do instrumento, utilizou apenas 51 itens do questionário, constituindo-se como os itens mais adequados para a população portuguesa.

Deste modo, os itens encontram-se divididos por 5 dimensões ou subescalas: conduta contra as normas (14 itens), o vandalismo (7 itens), o roubo (13 itens), agressões contra as pessoas (10itens), consumo de drogas (7 itens). A resposta apresenta-se numa escala de *likert* de 0 (Nunca), 1 (Quase sempre), 2 (Algumas vezes), 3 (Muitas vezes) e 4 (Frequentemente) sendo respondido de acordo com a sua experiência.

Análise estatística

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado o programa *Statistic Package for the Social Science* (SPSS) versão 25.0. e *Amos 25 Graphics*.

Num primeiro momento foi criada uma base de dados no *SPSS*, sendo inseridos os dados amostrais recolhidos, seguindo-se da limpeza da base, identificando e excluindo os *missing values* e os *outliers* de forma a não se fazer sentir os efeitos nas análises estatísticas, tendo-se recorrido à distância de *Mahalanobis* para verificar a existência de *outliers*.

Efetuuou-se de seguida a caracterização da amostra, recorrendo-se às análises estatísticas descritivas referentes aos itens das escalas, assim como às variáveis em análise, a partir da média (*M*) e do desvio padrão (*DP*), sendo ainda testada a consistência interna através do *Alfa* de *Cronbach* dos instrumentos utilizados.

De salientar que antecipadamente à realização dos procedimentos preparatórios das análises confirmatórias, verificaram-se os requisitos básicos, relativamente ao número de observações da análise (cinco por item).

Para a realização da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) teve-se em conta a natureza do estudo, pretendendo-se uma abordagem da teoria já existente relativamente ao Questionário de Condutas Antissociais (CCA). A metodologia utilizada passou por uma correlação entre os erros verificando os indicadores do teste de *Lagrange Multiplier Teste*, na qual os erros dos parâmetros propostos dizem respeito aos pares de itens, que apresentem na matriz residual estandardizada as magnitudes de resíduos mais altas (Byrne, 2001).

Neste seguimento, foram construídas parcelas de itens, nas 5 dimensões, tratando-se de um procedimento para estimar e melhorar a relação entre os parâmetros e o tamanho da amostra (Bandalos, 2002). Assim, para a dimensão vandalismo foi criada uma parcela de três itens e duas de dois itens, na dimensão agressão construíram-se duas parcelas com três itens e duas com dois itens, na dimensão condutas contra as normas três parcelas com três itens e

uma com dois, na dimensão consumo de droga uma parcela com três itens e duas parcelas com dois itens, na dimensão roubo três parcelas com três itens e duas com dois itens.

A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) é utilizada para avaliar a qualidade do ajustamento do modelo de medida teórico à estrutura correlacional observada entre as variáveis latentes (Byrne, 2001; Mâroco, 2014). Para os modelos testados foi utilizado o método de estimação *maximum likelihood*, no sentido de verificar a adequabilidade do modelo aos dados, utilizando-se as seguintes medidas de avaliação do ajustamento: *Ratio chi square statics/dgrees of freedom* (X^2/gl) sendo utilizado como um índice de ajustamento do modelo, não existindo, consenso acerca do valor adequando de ajustamento, segundo Mâroco (2014) considera como ajustamento bom valores inferiores a 2, *Comparative fit index* (CFI) que avalia a adequabilidade do modelo em relação ao modelo independente, considerando como um ajustamento muito bom se for ≥ 0.95 , ajustamento bom (0.9; 0.95), ajustamento sofrível (0.8;0.9) e ajustamento mau < 0.8 , *Goodness of fit index* (GFI) que mede a quantidade relativa de variância e covariância conjuntamente explicadas pelo modelo, considera-se um ajustamento muito bom se for ≥ 0.95 , ajustamento bom (0.9; 0.95), ajustamento sofrível (0.8;0.9) e ajustamento mau < 0.8 , *Root mean square error of approximation* (RMSEA) que avalia a discrepância no ajustamento entre as matrizes e as observadas, apresenta um ajustamento muito bom se for ≤ 0.05 , entre 0.05 e 0.10 ajustamento aceitável e > 0.10 ajustamento inaceitável (Mâroco, 2014).

Realizou-se a correlação de *Pearson*, para verificar quanto uma variável se correlaciona com as restantes (Lidiane, Kuang, Patrícia, & Milton, 2018; Pallant, 2005), segundo os valores sugeridos por Cohen (1988) para uma correlação pequena ($r = 0.10$ a 0.29), uma correlação média ($r = 0.30$ a 0.49) e uma correlação grande ($r = 0.50$ a 1).

Efetuando-se ainda o teste *t-student* para amostras independentes, usado para comparar pontuações média de dois grupos diferentes (Mâroco, 2007), de modo a averiguar as diferenças entre o género masculino e feminino no envolvimento de condutas desviantes

Resultados

A análise da consistência interna foi realizada através do *alpha de cronbach*. Na qual apresenta um *alpha* da Escala total de .95 exibindo uma consistência interna muito boa. Na dimensão vandalismo apresenta uma *alpha* de .75, na dimensão agressão .82, condutas contra as normas .86, consumo de droga .74 e roubo .90, apresentando assim uma boa consistência interna em todas as suas dimensões. Assim sendo, cada dimensão mede diferentes aspetos relativos às condutas desviantes dos adolescentes.

Modelo1: Avaliação do ajustamento local sem correlação de erros

No que respeita à avaliação do ajustamento local, após construídas as parcelas, as análises confirmatórias foram iniciadas com a avaliação da validade de construto do Questionário de Condutas Antissociais (CCA).

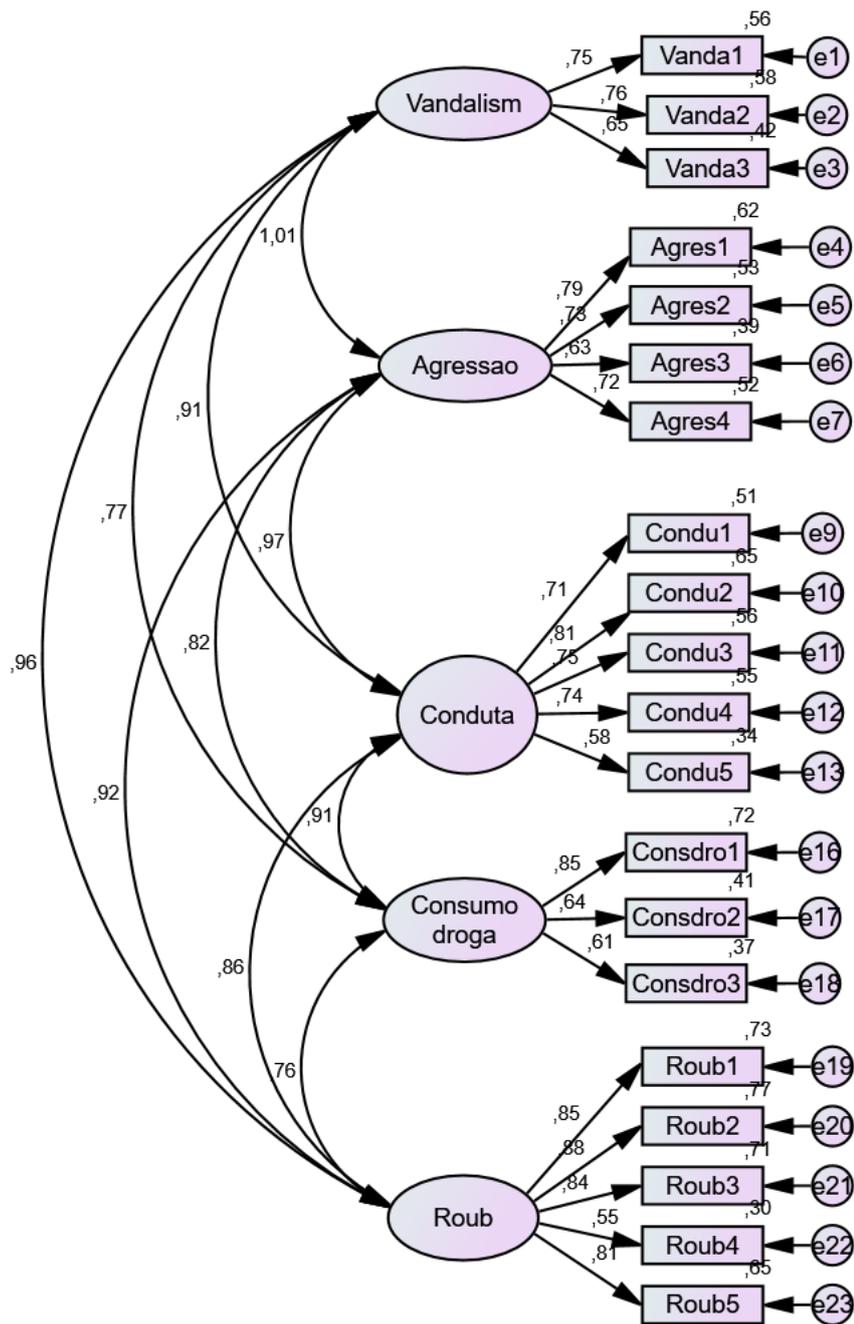


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) traduzido por (Martins, 2005) sem correlação de erros. Vanda1 a Vanda3: indicadores emparelados do fator Vandalismo, Agres1 a Agres4: indicadores emparelados do fator Agressão; Condu1 a Condu5; indicadores emparelados do fator Condutas contra as normas; Consdro1 a Consdro3: indicadores emparelados do fator Consumo de droga; Roub1 a Roub5: indicadores emparelados do fator Roubo.

O modelo 1, resultante da proposta inicial do instrumento (Martins, 2005) ajustado a uma amostra de 608 adolescentes portugueses, revelou um ajustamento inaceitável ($X^2/df = 7,506$, $gl=160$, $p = .00$), CFI = .87 (Ajustamento Sofrível), GFI =.81 (Ajustamento Sofrível), RMSEA = .10 (Ajustamento inaceitável) e o intervalo de confiança a 90% (IC.90% *Rmse*) = (.09) (Mâroco, 2014).

Modelo2: Avaliação do ajustamento local com correlação de erros

Após os resultados inaceitáveis obtidos no modelo 1 e tal como citado anteriormente, foram solicitados os índices de modificação através do teste de *Lagrange*, com vista a melhorar os valores de ajustamento do modelo.

Atendendo aos índices de modificação, tendo em conta os valores mais altos apresentados na matriz de resíduos estandardizados, correlacionando o primeiro e o segundo, o quarto e o quinto erros do indicador do fator agressão, verificando-se proximidade semântica, podendo justificar a correlação. Apura-se também a existência entre o primeiro e o quinto indicador do fator condutas contra as normas, entre o vigésimo e vigésimo terceiro, vigésimo segundo e vigésimo terceiro do indicador roubo. A reespecificação do modelo foi realizada passo a passo, sendo analisados os valores ao nível do ajustamento global, sendo apenas apresentados os valores após a correlação dos cinco erros. Após as correlações os resultados indicaram valores de ajustamento adequados ($X^2 = 5,979$, $gl=155$, $p = .00$), CFI=.91 (Ajustamento Bom), GFI =.86 (Ajustamento Sofrível), RMSEA = .09 (Ajustamento Aceitável) e intervalo de confiança a 90% (IC.90% *Rmse*) = (.09) (Mâroco, 2014).

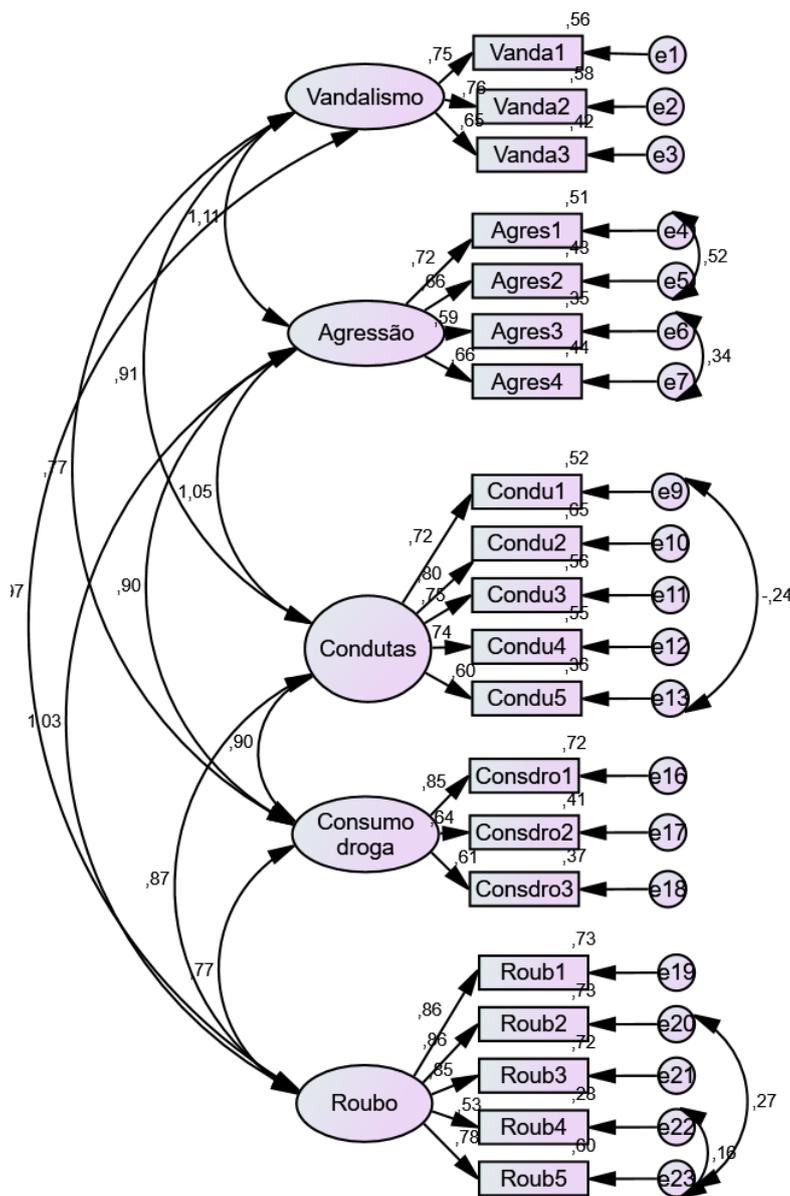


Figura 2. Análise Fatorial Confirmatória Questionário de Condutas Antissociais (CCA) traduzido por (Martins, 2005) com correlação de erros. Vanda1 a Vanda3: indicadores emparcelados do fator Vandalismo, Agres1 a Agres4: indicadores emparcelados do fator Agressão; Condu1 a Condu7; indicadores emparcelados do fator Condutas contra as normas; Consdro1 a Consdro3: indicadores emparcelados do fator Consumo de droga; Roub1 a Roub5: indicadores emparcelados do fator Roubo. Vanda1: emparcelamento dos itens 1,2 e 21; Vanda2: emparcelamento dos itens 25 e 26; Vanda3: emparcelamento dos itens 33 e 39; Agres1: emparcelamento dos itens 2, 6 e 11; Agres2: emparcelamento dos itens 14,21 e 25; Agres3: emparcelamento dos itens 37 e 40; Agres4: emparcelamento dos itens 43 e 45; Condu1: emparcelamento dos itens 3, 4 e 8; Condu2: emparcelamento dos itens 16,17 e 19; Condu3: emparcelamento dos itens 22, 26 e 29; Condu4: emparcelamento dos itens 32, 34 e 36; Condu5: emparcelamento dos itens 38 e 42; Consdro1: emparcelamento dos itens 5, 9 e 13; Consdro2: emparcelamento dos itens 23 e 30; Consdro3: emparcelamento dos itens 47 e 48; Roub1: emparcelamento dos itens 7,12 e 15; Roub2: emparcelamento dos itens 10,28 e 31; Roub3: emparcelamento dos itens 35, 41 e 44; Roub4: emparcelamento dos itens 46 e 49; Roub5: emparcelamento dos itens 50 e 51.

Assim, fica patente as diferenças entre o modelo original sem correlação de erros e com a correlação de erros para o modelo da amostra portuguesa (Tabela 1).

Tabela 1

Índices de ajustamento das AFC dos diferentes modelos

	Modelo	X ² /df	CFI	GFI	RMSEA
1-	CCA (51 itens) proposto por Martins (2005) sem correlação de erros.	7,506	.87	.81	.09
2-	CCA (51 itens) proposto por Martins (2005) com correlação de erros.	5,979	.91	.86	.09

Nota. CCA- Questionário de Condutas Antissociais.

A partir da tabela 2, após realizada a correlação de *pearson*, comprova-se a existência de correlações significativas entre as variáveis existentes (vandalismo, agressão, roubo, condutas contra as normas e consumo de droga), medindo assim as variáveis no mesmo sentido. Existindo, uma grande correlação entre todas as variáveis segundo os valores sugeridos por Cohen (1988).

Tabela2

CCA e correlação de pearson

	Vandalismo				
Agressão	.785**	Agressão			
Condutas	.728**	.791**	Condutas		
Droga	.584**	.624**	.746**	Droga	
Roubo	.800**	.766**	.749**	.643**	Roubo
M±DP	.196±.388	.303±.436	.374±.511	.164±.407	.147±.383

Nota. M- Média; DP- Desvio-padrão; **p<0.01.

De modo a verificar as diferenças entre o sexo e o desenvolvimento de comportamentos antissociais realizou-se um *t* teste, verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p \leq .05$), sendo que o sexo masculino apresenta uma média superior comparativamente com sexo feminino em todas as dimensões avaliadas (Tabela 3).

Tabela3

Comportamentos desviantes em função do sexo

	Sexo	<i>M±DP</i>	<i>p</i>
Vandalismo	Masculino	.326±.480	.000
	Feminino	.071±.201	(M>F)
Agressão	Masculino	.449±.532	.000
	Feminino	.160±.239	(M>F)
Condutas	Masculino	.513±.603	.000
	Feminino	.238±.349	(M>F)
Consumo de droga	Masculino	.263±.512	.000
	Feminino	.066±.228	(M>F)
Roubo	Masculino	.261±.496	.000
	Feminino	.035±.153	(M>F)

Nota. *M*= Média; *DP*= Desvio- Padrão; M= masculino, F=feminino, $p \leq 0.05$; os negritos representam valores significativas.

Discussão

O objetivo primordial da presente investigação passou por avaliar as propriedades psicométricas do Questionário de condutas Antissociais (CCA) traduzido por Martins (2005), no que respeita à validade de construto, sendo efetuadas as análises confirmatórias. Deste modo, para além de apresentar um instrumento que avalie os diferentes tipos de condutas desviantes dos adolescentes, procurámos contribuir para o conhecimento científico apresentando um instrumento adaptado para a população portuguesa.

As análises permitiram confirmar as cinco dimensões de acordo com o modelo teórico apresentado pelos autores (Mirón, 1990; Martins, 2005).

Segundo Mároco (2007) os valores de *alpha* de *Cronbach* sugerem que níveis de confiabilidade entre .79 e .89 apresentam níveis de confiabilidade entre o satisfatório e bom, entre .80 e .89 níveis bons de confiabilidade. Considerando os valores teóricos sobre os índices de confiabilidade, a presente investigação, apresenta bons níveis de consistência interna para a escala total .95, bem como nas suas dimensões: vandalismo (.75), agressão (.82), infração (.86), droga (.74) e roubo (.90).

De modo a confirmar os resultados do instrumento com recurso à Análise Fatorial Confirmatória (AFC), acrescentámos conteúdo sobre a validade do Questionário de Condutas Antissociais (CCA), no contexto português, visto não serem realizadas em investigações anteriores. Atendo à proposta de Martins (2005), foi possível verificar a manutenção do modelo teórico proposto, apresentando a escala com 51 itens, que melhor se adequam ao contexto português, com índices de ajustamento aceitáveis, segundo Mâroco (2014), considerando a correlação dos erros (Tabela 1). Verificando-se apenas que o GFI, apresenta um valor sofrível (.86), situando-se abaixo de 0.9, no entanto sabe-se que o GFI e o AGFI, encontram-se dependentes do tamanho da amostra (Mulaik et al., 1989).

Os resultados comprovaram ainda a existência de correlações significativas entre todas as dimensões existentes no instrumento, segundo os valores sugeridos por Cohen (1988), medindo assim as variáveis no mesmo sentido.

No que respeita às diferenças em função do sexo, no desenvolvimento de comportamentos desviantes verificou-se que os rapazes apresentam uma média superior comparativamente com as raparigas, em todas as dimensões avaliadas (Tabela 3). Esta diferença poderá estar relacionada com os fatores envolvidos no processo de socialização, estando o modelo educacional do sexo feminino direcionado para a conformidade com a norma, diálogo, enquanto o sexo masculino direcionado para a ação (Matos, 2019; Vasconcelos et al., 2008).

Num estudo realizado por Vasconcelos et al. (2008), recorrendo a uma amostra de 755 adolescentes, tendo como objetivo a explicação de comportamentos desviantes considerando os traços de personalidade e a procura de sensações, aquando averiguadas as diferenças entre género verificaram que o sexo masculino apresentava uma média superior, comparativamente com o sexo feminino. Relativamente à evolução da delinquência juvenil feminina, ainda são escassos os dados estatísticos focando-se apenas nos rapazes e não tanto nas raparigas. Na

qual, Duarte (2015) sublinhou a importância de encarar a delinquência juvenil feminina como um fenómeno heterogéneo.

Face ao exposto, a presente investigação contribuiu para o processo de validação da escala para a população portuguesa, estando de acordo com o modelo de organização sugerido pelos autores originais (Martins, 2005; Mirón, 1990), tornando-se assim uma ferramenta útil para avaliar os diferentes tipos de condutas dos jovens adolescentes, sendo uma problemática existente a nível mundial e sendo alvo de vários estudos (Conde & Teixeira, 2018). Em Portugal, segundo o relatório da segurança interna relativamente aos casos reportados em Portugal de delinquência juvenil, averiguam-se algumas oscilações, entre 2013 e 2014, com um ligeiro aumento, o mesmo não se verifica nos anos posteriores (2015, 2016 e 2017) apresentando uma descida (RASI, 2017).

Limitações, propostas para estudos futuros e implicações práticas

Atentamos, no entanto, que os resultados apresentados devem ser analisados à luz de algumas limitações que devem ser identificadas e discutidas. Assim, iniciámos por referir ao facto de não ter sido realizado nenhum estudo piloto, para apurar qualquer alteração semanticamente para uma melhor compreensão do questionário. Uma outra limitação prende-se pelo facto de a investigadora não ter tido a oportunidade de estar presente na aplicação dos questionários, para um esclarecimento de dúvidas aos adolescentes que poderiam surgir ao longo da realização do questionário. De salientar ainda o facto de amostra não ser representativa da população portuguesa, uma vez que se circunscreveu apenas à região Norte de Portugal. Um outro ponto, quanto à natureza do estudo pelo seu carácter transversal. Não permitindo, conferir a estabilidade dos resultados que poderiam ser identificados num estudo do tipo longitudinal.

Após as evidências encontradas, promove-se novas investigações que atendam a componentes metodológicas, procurando amostras heterogéneas, devendo abranger não só a

população em geral, mas também jovens identificados pelo sistema judicial, perpetradores de delinquência, de modo a aperfeiçoar as propriedades psicométricas do instrumento.

Conclusão

Ao longo da adolescência, maioritariamente dos adolescentes praticam ou já praticaram algum tipo de conduta desviante, uma temática que tem despertado atenção dos especialistas, sendo para isso necessário a existência de instrumentos que avaliem de modo eficaz estes comportamentos.

Deste modo, com a presente investigação foi possível verificar, que a proposta da versão portuguesa do Questionário de Condutas Antissociais (CCA), sendo constituída por 51 itens, apresenta bons níveis de confiabilidade, quer ao nível da escala total, como nas diferentes dimensões (vandalismo, condutas contra as normas, roubo, agressão e consumo de droga), tal como verificado em investigações anteriores (Martins, 2005). Quanto à composição fatorial proposta por Martins (2005) para a população portuguesa foi mantida, apresentando índices de ajustamento adequados como ficou patente através da AFC, atendendo à correlação de erros.

O Questionário de Condutas Antissociais (CCA) apresenta-se assim como um instrumento que abrange as várias condutas dos adolescentes, constituindo-se como uma ferramenta útil para esta temática que se tem vindo a demonstrar cada vez mais complexa, sendo necessário compreender o que leva os adolescentes a enveredarem por estes comportamentos. O instrumento mostra-se uma ferramenta que permite perceber o quanto estes tipos de comportamentos estão presentes na vida do adolescente.

Tal como supracitado, as AFC possibilitaram o estudo em torno da validade de construto e do modelo teórico subjacente ao seu racional. Deste modo, os resultados da investigação vêm contribuir para o conhecimento em torno das características psicométricas

do Questionário de Condutas Antissociais (CCA), considerando uma amostra de jovens adolescentes portugueses.

Referências Bibliográficas

- Bandalos, D. L. (2002). The effects of item parceling on goodness-of-fit and parameter estimate bias in structural equation modeling. *Structural Equation Modeling*, 9(1), 78-102. doi: 10.1207/S15328007SEM0901_5
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 20(4), 637-645.
- Bessa, L. A. (2011). *Personalidade e Procura de Sensações: a sua relação com comportamentos antissociais* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Byrne, B. M. (2001). Structural equation modeling with AMOS, EQS and LISREL: Comparative approaches to testing for the factorial validity of a measuring instrument. *International Journal of Testing*, 1(1), 55-86. doi: 10.1207/S15327574IJT0101_4
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd Ed). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Conde, R., & Teixeira, S. (2018). Delinquência juvenil em Portugal: Estudo qualitativo das histórias de vida de jovens reclusos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(1), 78-90. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1844
- Couto, I. (2014). *O problema da imputabilidade penal* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Católica do Porto, Porto.
- Curto, P. J. (2000). *Apego à família, grupo de pares e condutas anti-sociais na adolescência* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Duarte, V. (2015). Delinquência Juvenil feminina a várias vozes - Contributos para a construção de uma tipologia de percursos transgressivos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 78, 49-66. doi: 10.7458/SPP2015783640

- Freire, I. P., Simão, A. M., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: Um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Gordon, W. T. (2017). Peer victimization in adolescence: The nature, progression, and consequences of being bullied within a developmental context. *Journal of Adolescence*, 55, 116-128. doi: 10.1016/j.adolescence.2016.12.012
- Laranjeira, C. A. (2007). A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura. *Psicologia em estudo*, 12(2), 221-227. doi: 287122097002
- Lidiane, L. M., Kuang, H., Patrícia, B. C., & Milton, P. J. (2018). Análise fatorial por meio da matriz de correlação de pearson e policórica no campo das cisternas. *Engineering and Science*, 7(1), 58-70. doi: 10.18607/ES201871
- Lourenço, A. A., & Paiva, M. O. A. (2006). Comportamentos anti-sociais dos adolescentes: Influência da satisfação escolar. *Psicologia, Educação e Cultura*, 10(1), 159-181.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ªEd.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações* (2ª Ed.) Pêro Pinheiro: Report Number.
- Martins, J. M. (2005). *Violência e maus-tratos em contextos de socialização e delinquência juvenil* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Matos, M. (2019). Psicopatologia da adolescência, desvios e delinquência – Contributos para um diálogo interdisciplinar. In J. Martins & M. Simões (Coord.), *Crime, Desvio e Risco na Adolescência* (pp.183-200). Lisboa: Edições Sílabo.
- Ministério da Administração Interna (2017). Relatório anual de segurança interna 2017. Recuperado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=9f0d7743-7d45-40f3-8cf2-e448600f3af6>

- Mirón, L. (1990). *Familia, Grupo de Iguales y Empatía. Hacia un Modelo Explicativo de la Delincuencia Juvenil* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Mirón, L., & Otero, L. J. (2005). *Jóvenes delincuentes*. Barcelona: Ariel.
- Mulaik, S. A., James, L. R., Alstine, V. J., Bennett, N., Lind, S., & Stilwell, C. D. (1989). Evaluation of goodness-of-fit indices for structural equation models. *Psychological Bulletin*, 105(3), 430-445. doi: 10.1037/0033-2909.105.3.430
- Pinto, L. F. (2014). *Valores pessoais e comportamentos anti-sociais em adolescentes em regime de internato e externato numa instituição escolar* (Tese de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona do Porto, Porto.
- Prinstein, M. J., Boergers, J., & Spirito, A. (2001). Adolescents and their friend's health-risk behavior: Factors that alter or add to peer influence. *Journal of Pediatric Psychology*, 26(5), 287-298. doi: 10.1093/jpepsy/26.5.287
- Rodríguez, J. A. (2014). Un análisis de la relación entre grupo de amigos, edad y conducta antisocial: Delimitando diferencias de género. *Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística*, 4, 1-20.
- Rodríguez, J. A., & Redondo, L. M. (2008). Grupos de amigos y conducta antisocial. *Capítulo Criminológico*, 36(4), 121-149.
- Rodríguez, J. A., Mirón, L., & Rial, A. (2012). Análisis de la relación entre grupo de iguales, vinculación familiar y escolar, autocontrol y conducta antisocial, en una muestra de adolescentes venezolanos. *Revista de Psicología Social*, 27(1), 25-38. doi: 10.1174/021347412798844033
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, G., & Diniz, J. A. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756.

Trillo, V. M. (2012). *Grupo de amigos, género y delincuencia juvenil* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.

Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., & Pessoa, V. S. (2008). Conduitas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65.

ESTUDO EMPÍRICO II

“A vivência da violência interparental e o desenvolvimento de comportamentos desviantes
numa amostra de adolescentes portugueses”

“The experience of interparental violence and the development of deviant behavior in a
sample of Portuguese adolescents”

Resumo

A delinquência juvenil apresenta-se como um dos principais problemas dos adolescentes. O objetivo da presente investigação foi verificar a relação entre as condutas desviantes medida pelo Questionário de Condutas Antissociais (CCA) e a violência interparental avaliada através das *Conflict Tactics Scales* (CTS). A amostra total incorporou 671 adolescentes (entre os 12 e os 20 anos) da região norte de Portugal. Os resultados indicaram que o sexo feminino informa de maior violência emocional perpetrada tanto pelo pai como pela mãe comparativamente com o sexo masculino. Quanto à relação entre a violência emocional e física perpetrada pelos progenitores e os diferentes tipos de condutas desviantes analisadas, as dimensões encontram-se associadas positivamente. No geral, verificou-se que quanto mais expostos a violência interparental, maior a probabilidade de desenvolver comportamentos desviantes. Deste modo, apesar deste tipo de violência apresentar várias consequências na vida dos adolescentes, ainda é um fenómeno que necessita de mais informação, sendo essencial criar soluções para combater este problema.

Palavras-chave: condutas desviantes, violência interparental, adolescentes, violência física, violência emocional.

Abstract

Juvenile delinquency is one of the main problems of teenagers. The main goal and purpose of the present investigation was to verify the relationship between deviant behaviors measured by the Antisocial Conduct Questionnaire (CCA) and interparental violence assessed through the Conflict Tactics Scale (CTS). The total sample included 671 teenagers (aged 12 to 20 years old) from northern Portugal. The results indicated that females report greater emotional violence perpetrated by both father and mother compared to males. Regarding the relationship between the emotional and physical violence perpetrated by the parents and the different types of deviant conduct analyzed, the dimensions are positively associated. In general, it was discovered that the more exposed the interparental violence, the greater the probability of developing conduct problems. Although this type of violence has several consequences in teenagers lives, it is still a phenomenon that needs more information, and it is essential to create solutions to fight this problem.

Keywords: between deviant, interparental violence, teenagers, physical violence, emotional violence.

A vivência da violência interparental e o desenvolvimento de comportamentos desviantes numa amostra de adolescentes portugueses

A adolescência, período marcado pela passagem entre a infância e a idade adulta, iniciando-se com a puberdade entre os 10-12 anos, sucedendo várias transformações: a nível físico, social e psíquico, apresentando-se como uma das mais importantes, no desenvolvimento do ser humano (Martins, 2012). Um período marcado por grande agitação, inconformismo, e irreverência, sendo também nesta fase do desenvolvimento que atingem níveis de maturidade, capacidades logico-dedutivas e características hormonais (Couto, 2004; Matos, 2019).

Para Matos (2019) todas estas transições podem levar a conflitualidade interna e externa, desenvolvendo-se de diferentes expressões pelos adolescentes. Segundo Martins (2012) é nesta fase que os adolescentes tendem a assumir os principais comportamentos desviantes, sendo justificada pelos autores como a procura de sensações fortes característico da idade, mas que devem ser analisados à luz de várias perspetivas, incorporando informações sobre os contextos do indivíduo, fatores de risco e proteção, modelos comportamentais dos pais, amigos, vizinhos que possam contribuir para o desenvolvimento destes comportamentos.

No âmbito legal representa a violação de leis penais, no âmbito da psiquiatria a delinquência juvenil diz respeito a uma perturbação do comportamento social ou podendo ser considerada como uma perturbação psicossocial no desenvolvimento englobando atos transgressivos (agressão, furtos, fugas, condutas face as normas). Uma problemática que requer uma análise complexa, visto manifestar-se a partir de variáveis biológicas, comportamentais e cognitivas do indivíduo (Couto, 2004; Laranjeira, 2007).

Existem teorias psicossociais associadas, tornando-se como fundamentais para perceber a origem deste tipo de comportamentos. Podendo ser vista como uma perturbação de personalidade (associado a um sintoma patológico), encarada como uma estratégia de

socialização relativamente à estrutura familiar, sistema escolar, situação sociocultural, resposta a problemas internos, sentimentos de desespero e autodestruição. Sendo assim, torna-se importante contextualizar os comportamentos, compreendendo a sua génese, para poder haver a distinção entre o comportamento considerado adaptativo e desadaptativo, psicologicamente ou socialmente, verificando o seu carácter transitório e definitivo (Benavente, 2002).

Na vertente sociológica, a delinquência juvenil pode ser analisada à luz de duas perspectivas: o modelo do controlo social, defendendo que adolescência é uma fase favorável ao desvio. Acredita-se que o desvio acontece devido à falha entre as figuras de autoridade e o controlo social, no sentido de se confrontarem com um processo de construção de identidade social. Perante esta perspectiva estes “desvios” são considerados como ações que infringem as normas implementadas (Ferreira, 2000).

Relativamente ao segundo ponto, remete-nos para as questões culturais e subculturais, na qual acredita-se que os indivíduos vivem regidos por normas sociais. As práticas de condutas delinquentes dizem respeito às ações realizadas que não hajam de acordo com a conformidade, resultante de um processo de aprendizagem através de grupos como amigos, pais ou grupos de referência. Mais especificamente no modelo subcultura a manifestação destas condutas principiam em contexto de grupo, assentando nas definições, orientações em contacto com os outros (Benavente, 2002; Ferreira, 2000; Laranjeira, 2007).

Segundo Sutherland o comportamento delinvente resulta de uma aprendizagem e interação com os pares, identificando que maioritariamente as aprendizagens ocorrem no interior do grupo de pares em comunicação direta e mais ou menos permanente, sendo esta teoria denominada da Associação Diferencial (Ferro, 2008). Por outro lado, Burgess e Akers (1966) defendem outros princípios como condicionamento operante, acreditando que o comportamento ocorre de acordo com as situações em que o indivíduo está envolvido,

sobretudo por imitação (Teoria Social da Aprendizagem e do Reforço). Contrapondo-se ainda com a Teoria do Controlo Social desenvolvida por Hirschi (1969), que defende uma perspetiva diferente da relação dos comportamentos e grupo de pares, acreditando que esta relação é resultado apenas dos fracos vínculos convencionais (apego, compromisso, envolvimento e crenças interiorizadas) (Martins, 2005).

A teoria de coesão social de Durkheim defende que a delinquência se desenvolve a partir dos laços estabelecidos com figuras convencionais, como a família e a escola. Quando ocorrem condutas desviantes poderá indicar que as instituições fracassaram em algum momento, defendendo que quando existem laços sociais fortes, estes constituem-se como controlos sociais capazes de ultrapassar o “impulso” ou “motivação” para estes comportamentos (Ferreira, 2000).

Uma outra perspetiva que deve ser analisada, diz respeito à perspetiva ecológica do desenvolvimento humano através do entendimento do processo de interação da pessoa com o meio em que está envolvida. Este modelo assenta em quatro pontos essenciais como: o tempo (momento socio-histórico), indivíduo (características pessoais), processo (experiências ultrapassadas e seu significado) e o contexto (físico-social). Relacionando com a problemática em questão, o ambiente em que os adolescentes estão inseridos apresentam grande influência nas suas interações sociais e no seu modo de agir, visto que agem e repetem de acordo com o que seria esperado socialmente (Lisboa, 2005). Relativamente à idade em que este tipo de condutas é mais frequente, os estudos têm comprovado que estes comportamentos se refletem cada vez mais cedo por volta dos 10-14 anos, com delitos de menor e maior gravidade, aumentando a sua incidência por volta dos 16-17 anos, desenvolvendo comportamentos antissociais e transgressões violentas, sendo possível verificar-se que por volta dos 16 anos os adolescentes já tenham percorrido várias condutas desviantes, averiguando-se uma diminuição com a entrada na idade adulta (Ferreira, 2000; Martins, 2005).

A delinquência é assim vista como a prática exercida por um jovem entre os 12 e os 16 anos, qualificado pela lei como crime nos termos da Lei tutelar educativa. Segundo o relatório da segurança interna relativamente aos casos reportados, averigua-se um ligeiro aumento entre 2013 e 2014, o mesmo não se verifica nos anos posteriores (2015, 2016, 2017) apresentando uma descida (RASI, 2017).

No que respeita às tipologias das condutas mais frequentes nos adolescentes, estas distribuem-se em seis categorias: vandalismo (marcado pelos atos públicos reprováveis, danificações de propriedades, destruição de imóveis, destruição ou de deterioração de algo público), podendo ainda ser descrito como um comportamento de agressão em direção ao ambiente físico (quebrar, queimar, sujar) (Felippe, Raymundo, & Kuhnen, 2012); condutas contras as normas (infrações como fumar ou beber antes da idade autorizada, furtos de objetos, etc.); roubo (dirigido especificamente contra bens); agressões (reações agressivas, ferimentos, golpes corporais, etc.); consumo de substâncias (posse, consumo e tráfico de droga) (Martins, 2005).

Tal como referido anteriormente, no desenvolvimento do adolescente, a família, os pais, apresentam um papel fundamental, apresentando influência na educação, socialização, prestação de cuidados, valores, limites, construção da identidade e conduta social. Surgindo a necessidade de analisar o funcionamento familiar, desde as interações normativas e afetivas, supervisão e ações parentais (Sani & Almeida, 2011; Silva & Santos, 2018; Tomé, Camacho, Matos, & Diniz, 2011). A falta de acompanhamento e supervisão ao longo do desenvolvimento juvenil, fundamenta o começo de comportamentos desadaptativo, o que não aconteceria na presença de um funcionamento familiar adequado (Sani & Soares, 2016; Yessine, 2011).

Segundo Krug, Mercy, Dahlberg e Zwi (2002) a violência doméstica nos últimos anos tem apresentado dados preocupantes, facto que a Assembleia Mundial de Saúde considerou

como um problema de saúde pública. Mas, o que tem causado maior preocupação social recai sobre situações em que estes comportamentos violentos ocorrem na presença de menores, maioritariamente das vezes os filhos do casal.

Quando se aborda a questão da exposição à violência doméstica observada torna-se importante definir o que se entende por este conceito, sendo as crianças definidas como “testemunhas” ou “observadoras” de conflitos verbais, emocionais e físicos entre os pais com quem partilham o mesmo espaço físico, tentando por vezes intervir, acabando por serem agredidas (Evans et al., 2008; Lourenço, Salgado, & Amaral, 2011; Sani, 2006).

Os investigadores estimam que cerca de 17,8 milhões de crianças são expostas à violência doméstica por ano. Estudos realizados nestes contextos verificaram que entre 20% a 40%, das crianças admitiram terem sido expostos à violência doméstica ao longo da sua infância ou no período da adolescência (Evans et al., 2008).

Considerando-se a adolescência uma fase do desenvolvimento humano delicada, que requer investimento afetivo e suporte social, a sua ausência poderá aumentar a possibilidade de desenvolvimento de problemas físicos, emocionais, cognitivos e comportamentais (Lourenço, Salgado, & Amaral, 2011).

Relativamente aos tipos de abusos estes podem dividir-se em abuso físico que compreende ações em que é exercida violência física (recorrendo a objetos como: paus, cintos, matracas, etc.), o maltrato psicológico (repudiar, rejeitar, hostilizar, humilhar, criticar, vergonhar, ridicularizar) (Alberto, 2014).

Um estudo realizado por Sternberg, Lamb, Guterman e Abbott (2006) sobre esta temática, com uma amostra de 110 crianças com idades entre os 10 e 16 anos, concluíram que quando sujeitas a violência interparental, apresentavam resultados negativos de internalização e externalização de comportamentos. Cada adolescente é único, podendo levar a apresentar

sintomatologia diferente face a este problema, estando dependente de diferentes variáveis, desde as variáveis individuais e situacionais/contextuais (Sani & Soares, 2016).

No que respeita às variáveis individuais inserem-se a idade, género, temperamento, autoestima e estratégias de *coping* (Jouriles, Spiller, Stephens, McDonald, & Swank, 2000). As variáveis situacionais relacionadas diretamente com o adolescente (competências parentais dos progenitores, suporte social), variáveis contextuais relacionadas com os pais e o conflito interparental (intensidade, duração) (Sani & Soares, 2016).

No que respeita ao género mais afetado, este tipo de exposição afeta tanto o género feminino como masculino, no entanto os rapazes tendem a mostrar comportamentos mais externalizadores e as meninas mais internalizadores (Evans, Davies, & DiLillo, 2008). Estudos realizados apontam que jovens que possam ter sido expostos à violência doméstica, apresentem-se mais propensos a desenvolver condutas desviantes (Holt, Buckley, & Whelan, 2008; Jouriles et al., 2000). Das várias explicações para os comportamentos desviantes nas vítimas de violência interparental, os autores consideram como a procura de uma justificação para os problemas (Formiga, 2005).

Recentemente Cénat et al. (2015) conduziram um estudo no Canadá em 34 escolas, tendo como intuito verificar a relação entre a exposição à violência interparental e o envolvimento em comportamentos desviantes, junto de uma amostra de 8194 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Os resultados indicaram que aproximadamente 51 % dos participantes perpetraram pelo menos uma forma de comportamento delinvente, sendo ainda possível verificar diferenças significativas relativas ao género, sendo que o género masculino apresentava maior prevalência deste tipo de comportamentos (58%), comparativamente com o género feminino (44%). Foi ainda verificado que cerca de 62% dos adolescentes tinham sido expostos a episódios de violência interparental, 61% a violência emocional e 15% a violência física, tendo concluído que jovens

expostos a estes comportamentos pelos progenitores, apresentam uma maior probabilidade de desenvolverem comportamentos desviantes.

A problemática da violência interparental, ou seja, o presenciar a violência entre os pais, não se apresenta como um problema novo, mas que tem vindo a merecer um olhar cada vez mais atento, pelo grave problema que se apresenta, assumindo-se como um grave problema social (Sani, 2006). Em Portugal não existem dados oficiais acerca da problemática, não sendo conhecida a proporção de adolescentes expostos a estes conflitos (Overlien, 2010). No entanto, já existem vários estudos na área dos maus-tratos infantis e nos casos de violência indireta (Sani, 2007; Sani, 2009), embora não se conheça a verdadeira dimensão estatística do fenómeno em Portugal (Sani & Almeida, 2011; Sani, 2006). Os dados disponíveis retirados de estatísticas da APAV ou dados da polícia, relativa à violência doméstica, não fazem referência à violência doméstica observada. O relatório Anual de Segurança Interna (RASI) em 2017, relativo aos dados sobre as ocorrências registadas pela GNR e PSP, no que referem aos dados de violência doméstica, cerca de 34 % das ocorrências foram na presença de menores. Sendo que 82% das situações assinaladas foram na existência de violência psicológica e 67% violência física.

A exposição à violência interparental, ainda carece de alguma investigação, apesar de se apresentar cada vez mais presente no quotidiano das famílias (Hornor, 2005; McDonald, Jouriles, Mikler, Caetano, & Green, 2006).

Assim, o presente estudo procura contribuir para o conhecimento relativamente ao impacto da violência interparental e o desenvolvimento da delinquência, numa amostra de adolescentes portugueses. Neste sentido, os objetivos passam por: (1) explorar se existem diferenças em relação à violência física e psicológica observada em função do sexo e idade, bem como nas diferentes condutas desviantes (vandalismo, agressão, condutas contras as normas, consumo de droga e roubo); (2) determinar a relação entre a violência interparental,

nas duas dimensões física e psicológica, e a relação com vários tipos de conduta desviante; (3) verificar o papel preditor do sexo e da violência física e emocional perpetrada pelos progenitores, no desenvolvimento de condutas desviantes.

Neste sentido espera-se que quanto mais presente a violência doméstica experimentada pelos progenitores maior a probabilidade dos jovens se envolverem nas diferentes condutas desviantes.

Método

O presente estudo segue um paradigma correlacional de carácter quantitativo, visto que se pretende compreender o grau e a forma de associação entre as variáveis analisadas (Marôco, 2007; Pallant, 2005). Apresenta-se como um estudo transversal, sendo as variáveis medidas, apenas num único espaço temporal (Mâroco, 2007).

Tendo como finalidade quantificar os fenómenos recorrendo a procedimentos estatísticos, sendo analisados os dados recolhidos através de questionários.

Participantes

Na presente investigação participaram cerca de 671 adolescentes de idades compreendidas entre os 12 e os 20 anos ($M:15.42$ $SD: 1.859$), sendo que 323 pertencentes ao género feminino (48%) e 348 ao género masculino (52%), de escolas da região Norte de Portugal.

Dos participantes, no que respeita ao estado civil dos progenitores cerca de 148 (22%) dos alunos, os pais encontram-se divorciados e 518 (77%) dos alunos os pais não se encontram divorciados. Considerando as habilitações literárias quanto ao pai cerca de 22 (3.3%) responderam que o pai era analfabeto, 320 (47%) possuíam apenas o 1º ciclo, 238 (35%) apenas o ensino secundário e 59 (8%) o ensino superior. Quanto à mãe, 47 (7%) responderam que a mãe era analfabeta, 359 (53.5%) que possuía apenas o 1º ciclo, 197 (29.4%) o ensino secundário e 45 (6.7%) o ensino superior.

Procedimentos

O primeiro passo para a operacionalização deste estudo iniciou-se com o pedido de autorização à comissão de ética da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, sendo obtido um parecer favorável à sua realização. Posteriormente, foi submetido o pedido de autorização aos diretores dos agrupamentos. Assim concedida essa autorização por parte dos diretores das escolas, foram pedidos aos diretores de turma o consentimento informado para os alunos pedirem aos respetivos representantes legais, para a participação no estudo, e apenas quando tivessem devolvida a respetiva autorização assinada, eram aplicados os questionários.

Alguns agrupamentos, a direção exigiu que os questionários fossem aplicados em contexto de sala de aula pelos diretores de turma, sem a presença da investigadora. Sendo apenas numa escola autorizada a administração pela investigadora. O seu preenchimento foi voluntário e sem recurso a qualquer tipo de incentivo externo.

A cada grupo de alunos, foram explicados os objetivos do estudo e o seu caráter voluntário, anónimo e confidencial. Sendo ainda referido, que respondessem de acordo com a sua experiência, solicitando que respondessem a todas as questões apresentadas.

O horário de administração dos questionários ficou acordado com os professores que se disponibilizaram a ceder parte da aula para o efeito. A aplicação dos instrumentos realizou-se ao longo do 3º período do ano letivo 2017/2018, tendo o tempo médio estimado para o preenchimento dos mesmos de 30 minutos.

Instrumentos

Para a concretização desta investigação foram aplicados um pequeno **Questionário sociodemográfico**, procurando obter dados pessoais dos participantes do estudo como a idade, sexo, estado civil dos pais, escolaridade dos pais, escolaridade da mãe e profissão dos pais.

O **Questionário de Condutas Antissociais** (CCA) de Mirón (1990) constituído por 82 itens, apresenta-se como um questionário que pretende avaliar as diferentes condutas desviantes dos adolescentes. Para a presente investigação recorreu-se à versão utilizada por Martins (2005) na qual na sua investigação, e de acordo com a autora do instrumento, utilizou apenas 51 itens do questionário, constituindo-se como os itens mais adequados para a população portuguesa. Deste modo, os itens encontram-se divididos por 5 dimensões ou subescalas: conduta contra as normas (14 itens), vandalismo (7 itens), roubo (13 itens), agressões contra as pessoas (10itens) e consumo de drogas (7 itens). A resposta apresenta-se numa escala de *likert* de 0 (Nunca), 1 (Quase sempre), 2 (Algumas vezes), 3 (Muitas vezes) e 4 (Frequentemente) sendo respondido de acordo com a sua experiência. Relativamente aos valores da confiabilidade, e para a presente amostra, o Questionário de Condutas Antissociais (CCA) apresentou um *alpha* de .98 para a escala total, exibindo uma consistência interna muito boa. Para a dimensão vandalismo apresenta um *alpha* de .88, na dimensão agressão .90, condutas contra as normas .92, consumo de droga .87 e na dimensão roubo .95. Apresentando uma boa consistência interna em todas as dimensões. Deste modo, verifica-se que cada dimensão mede diferentes aspetos relativos às condutas desviantes dos adolescentes.

Relativamente à análise fatorial confirmatória, os resultados indicaram valores de ajustamento adequados ($X^2 = 7.585$, $gl=154$, $p = .00$), *Comparative Fit Index* (CFI)=.92 (Ajustamento Bom), *Goodness of Fit Index* (GFI) =.85 (Ajustamento Sofrível), *Root Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) =. 09 (Ajustamento Aceitável) e intervalo de confiança a 90% (IC.90% *Rmse*) = (.09) (Anexo 1.1).

As ***Conflict Tactics Scale*** (CTS) de Straus et al. (1979), versão portuguesa de Hasselman e Reichenheim (2003), destina-se a avaliar a violência doméstica interparental observada pelos adolescentes. É uma escala constituída por 18 itens ordenados por ordem hierárquica de aceitabilidade social, iniciando com os itens considerados desejáveis, estando

incluídas as 3 estratégias não violentas de resolução de problemas, 7 itens relativos à violência emocional observada e 9 à violência física observada. No instrumento original, apresentou um *alpha* de .80 para a violência emocional e .83 para a violência física perpetrada pelo pai, aquando um conflito com a mãe, e para a mãe um *alpha* de .79 para violência emocional e .82 para a violência física (Straus et al., 1979). Na versão portuguesa apresentou para a violência física do pai um *alpha* de .82, e para a violência emocional .73, no caso da mãe para a violência física .83 e para a violência emocional .82 (Hasselman & Reichenheim, 2003).

Para a presente investigação foram utilizados apenas 12 itens do instrumento original, sendo escolhidos de acordo com os comportamentos que poderiam ser observados e relatados pelos adolescentes, sendo a escala apresentada composta por: 3 itens relativos estratégias não violentas de resolução de problemas, 5 para a violência emocional e 4 para a violência física. No que respeita ao formato de resposta, foi convertida numa escala de *likert* de 5 opções: 0 (nunca), 1 (quase nunca), 2 (algumas vezes), 3 (quase sempre) e 4 (sempre). Sendo utilizadas para a investigação apenas as subescalas da violência física e emocional perpetrada pelo pai e pela mãe. Relativamente aos valores da confiabilidade a escala para a versão do pai, na dimensão violência emocional apresenta um *alpha* de .77 e para a violência física .91. Quanto à versão da mãe na dimensão na dimensão violência emocional apresentou um *alpha* de .67 e para a violência física .79, apresentando assim uma consistência interna satisfatória (Mâroco, 2007).

No que respeita à avaliação do ajustamento local, as *Conflict Tactics Scale* (CTS) para a versão mãe, após realizadas as análises confirmatórias, mais uma vez passando por uma reespecificação do modelo passo a passo. O modelo construído apresentou valores de ajustamento adequados ($X^2 = 5.819$, $gl=47$, $p = .00$), *Comparative Fit Index* (CFI)= .90. (Ajustamento Bom), *Goodness of Fit Index* (GFI)=.94 (Ajustamento Bom), *Root Mean-Square*

Error of Approximation (RMSEA) = .08 (Ajustamento Aceitável) e intervalo de confiança a 90% (IC.90% *Rmse* = .075) (Anexo 1.2).

O mesmo se verificou na versão do pai, mais uma vez apresentando bons valores de ajustamento ($X^2 = 3.791$, $gl=47$, $p = .00$), *Comparative Fit Index* (CFI)= .96 (Ajustamento Muito Bom), *Goodness of Fit Index* (GFI) =.97 (Ajustamento Muito bom), *Root Mean- Square Error of Approximation* (RMSEA) = .07 (Ajustamento Aceitável) e intervalo de confiança a 90% (IC.90% *Rmse* = .05) (Anexo 1.3).

Análise estatística

Para o tratamento estatístico dos dados foi utilizado *Statistic Package for the Social Science* (SPSS) versão 25.0. e *Amos 25 Graphics*. De início, foram realizadas as análises descritivas referentes aos itens das escalas, assim como das variáveis em análise, a partir da média (M) e desvio padrão (DP). Calculando ainda o grau de consistência interna através do *alpha de Cronbach*. De referir, que antecipadamente à realização dos procedimentos preparatórios das análises confirmatórias, verificaram-se os requisitos básicos, quanto ao número de observações de análise (5 por item). Verificando-se a normalidade da amostra quando esta é composta por mais de 30 sujeitos (Mâroco, 2007; Pallant, 2005).

Realizaram-se ainda as análises relativas às estruturas fatoriais através das AFC através do método de estimação *maximum likelihood*, de modo a verificar a adequabilidade do modelo, utilizando as diferentes medidas de ajustamento (*Ratio chi square statics/ddegrees of freedom* (X^2/gl), *Comparative fit index* (CFI), *Goodness of fit index* (GFI), *Root mean square error of approximation* (RMSEA) (Mâroco, 2014), tendo em conta a natureza do estudo, baseando-se na teoria já existente dos instrumentos utilizados na investigação.

Para verificar os objetivos propostos pela investigação, utilizaram-se as medidas de estatística paramétrica. De modo a verificar as diferenças entre o género masculino e feminino no envolvimento de condutas desviantes, foram avaliadas através do teste *t-student* para a

comparação de médias de amostras independentes (Mâroco, 2007; Pallant, 2005), verificando a estimativa de efeito parcial, através do *partial eta-squared* (η^2_p), que possibilitou a medição do tamanho do efeito segundo os valores sugeridos por Cohen (1988) para um efeito pequeno ($>.01$), moderado ($>.06$) e um efeito elevado ($>.14$).

Efetuarão-se ainda correlações de *Pearson* intraescalares, com o objetivo de verificar a associação entre a violência física e emocional perpetrada pelos progenitores e as diferentes condutas desviantes (vandalismo, roubo, agressão, condutas contra as normas e consumo de droga), segundo os valores sugeridos por Cohen (1988) para uma correlação pequena ($r = 0.10$ a 0.29), uma correlação média ($r = 0.30$ a 0.49) e uma correlação grande ($r = 0.50$ a 1).

Realizou-se ainda uma regressão múltipla hierárquica, na qual as variáveis independentes são inseridas em blocos, em que cada variável independente é avaliada em termos do que adiciona à previsão da variável dependente (Pallant, 2005). Objetivou-se, assim, verificar o papel preditor do sexo e dos diferentes tipos de violência com as diferentes condutas desviantes.

Resultados

Análise diferencial dos comportamentos desviantes e das táticas de resolução de conflitos observados em função do sexo

De modo a verificar as diferenças do envolvimento nas diferentes condutas desviantes em função do sexo dos adolescentes realizou-se um *t* teste. Verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre sexo em todas as dimensões, sendo o sexo masculino quem apresenta médias superiores nas diferentes condutas (Tabela 1). Exibindo uma magnitude de efeito moderada ($\eta^2_p = .077$) para a dimensão vandalismo, agressão ($\eta^2_p = .077$), roubo ($\eta^2_p = .070$) e uma magnitude pequena para dimensão consumo de drogas ($\eta^2_p = .032$).

No que respeita às dimensões relacionadas com as táticas de resolução de conflitos quanto à violência física utilizada pela mãe não se verificam diferenças significativas quanto

ao sexo, no entanto quanto à violência emocional observada já se verificam diferenças significativas [$t(6.282) = -2.457; p = .015$], sendo que o sexo feminino apresenta uma média superior ($M = .663; DP = .549$), apresentando uma magnitude de efeito pequena ($\eta^2_p = .009$). O mesmo se verifica em relação ao pai, quanto à perpetração de violência física observada, em que não se averiguam diferenças significativas, mas sim verificando-se na violência emocional diferenças significativas [$t(3.434) = -2.358; p = .019$], em que o sexo feminino apresenta uma média superior ($M = .663; DP = .790$), segundo uma magnitude de efeito pequena ($\eta^2_p = .001$), face ao sexo masculino ($M = .524; DP = .731$).

Tabela 1

Comportamentos desviantes e táticas de resolução de conflitos usadas pelos pais em função do sexo

	Sexo	$M \pm DP$	p	η^2_p
Vandalismo	Masculino	.508 ± .756	.000 (M>F)	.077
	Feminino	.143 ± .459		
Agressão	Masculino	.604 ± .718	.000 (M>F)	.077
	Feminino	.246 ± .495		
Condutas	Masculino	.700 ± .809	.000 (M>F)	.058
	Feminino	.346 ± .596		
Consumo de droga	Masculino	.431 ± .789	.000 (M>F)	.032
	Feminino	.173 ± .550		
Roubo	Masculino	.474 ± .827	.000 (M>F)	.070
	Feminino	.106 ± .454		
Violência física mãe	Masculino	.116 ± .379	.781 (ns)	.000
	Feminino	.124 ± .381		
Violência emocional mãe	Masculino	.395 ± .549	.014 (F>M)	.009
	Feminino	.507 ± .634		
Violência física pai	Masculino	.265 ± .686	.474 (ns)	.008
	Feminino	.305 ± .755		
Violência emocional pai	Masculino	.524 ± .731	.019 (F>M)	.001
	Feminino	.662 ± .790		

Nota: M= Média; DP= Desvio- Padrão; M= masculino; F= feminino, ns= não significativo; η^2_p = partial eta-squared; $p \leq 0.05$; os negritos representam valores significativos.

Análise diferencial dos comportamentos desviantes e das táticas de resolução de conflitos observados em função da idade

Em função da idade verifica-se que em todas as suas dimensões (vandalismo, agressão, roubo, consumo de droga e condutas contras as normas) averiguam-se diferenças estatisticamente significativas, sendo que adolescentes entre os 16-20 anos apresentam uma média superior em todos os tipos de condutas desviantes estudadas, explicados por um efeito de magnitude pequeno nas dimensões vandalismo ($\eta^2_p = .012$), agressão ($\eta^2_p = .023$), roubo ($\eta^2_p = .032$) e um efeito de magnitude moderado, na dimensão consumo de droga ($\eta^2_p = .077$) e condutas contra as normas ($\eta^2_p = .061$) (Tabela 2).

Analisando a violência física perpetrada pela mãe enquanto forma de resolver um conflito com o pai, não se verificam diferenças estatisticamente significativas em termos de idade, mas ao nível da violência emocional perpetrada pela mãe já se verificam diferenças significativas [$t(6.720) = -3.741; p = .001$] sendo que mais uma vez adolescentes entre os 16-20 anos apresentam uma média superior ($M = .529; DP = .617$), segundo um efeito de magnitude pequeno ($\eta^2_p = .018$), comparativamente com os adolescentes entre os 12-15 anos ($M = .371; DP = .560$). Quanto à violência física perpetrada pelo pai [$t(28.352) = -3.289; p = .001$] e à violência emocional [$t(5.918) = -3.540; p = .000$] enquanto forma de resolver um conflito com a mãe, também se verificam diferenças estatisticamente significativas, sendo que os adolescentes entre os 16-20 apresentam uma média superior ($M = .377; DP = .843$), explicadas por um efeito de magnitude pequeno ($\eta^2_p = .016$) e ($\eta^2_p = .018$) respetivamente, do que os adolescentes entre os 15-20 anos ($M = .195; DP = .563$).

Tabela 2

Análise diferencial dos comportamentos desviantes e das táticas de resolução de conflitos observados em função da idade

	Idade	$M \pm DP$	p	η^2_p
Vandalismo	12-15	.262 ± .577	.005	.012
	16-20	.406 ± .723	(16-20 > 15-20)	
Agressão	12-15	.337 ± .513	.000	.023
	16-20	.530 ± .747	(16-20 > 15-20)	
Condutas	12-15	.351 ± .556	.000	.032
	16-20	.714 ± .847	(16-20 > 15-20)	
Consumo de droga	12-15	.117 ± .365	.000	.077
	16-20	.504 ± .879	(16-20 > 15-20)	
Roubo	12-15	.174 ± .520	.000	.061
	16-20	.423 ± .825	(16-20 > 15-20)	
Violência física mãe	12-15	.099 ± .361	.153	.003
	16-20	.141 ± .397	(ns)	
Violência emocional mãe	12-15	.371 ± .560	.001	.018
	16-20	.529 ± .617	(16-20 > 15-20)	
Violência física pai	12-15	.195 ± .563	.001	.016
	16-20	.377 ± .843	(16-20 > 15-20)	
Violência emocional pai	12-15	.489 ± .721	.000	.018
	16-20	.696 ± .791	(16-20 > 15-20)	

Nota: M = Média; DP = Desvio- Padrão; ns= não significativo; η^2_p = partial eta-squared; $p \leq 0.05$; os negritos representam valores significativos.

Associação entre as táticas de resolução de conflito observadas, os comportamentos desviantes, médias e desvio padrão

No que diz respeito às correlações entre as várias variáveis (Tabela 3), de acordo com os resultados apresentados, destaca-se o facto de existirem correlações positivas estatisticamente significativas ($p \leq .01$) entre todas as dimensões avaliadas. Concretamente é possível verificar que a variável violência física do pai apresenta uma associação significativa positiva média entre a agressão ($r = .327$; $p \leq .01$), condutas contra as normas ($r = .343$; $p \leq .01$) e consumo de drogas ($r = .328$; $p \leq .01$). Averiguando-se também entre a violência emocional do pai e conduta contra as normas ($r = .315$; $p \leq .01$) e a violência emocional da mãe as condutas contra as normas ($r = .322$; $p \leq .01$).

Tabela 3

Correlações das dimensões das CTS e do CCA, médias e desvio padrão

<i>CTS/CCA</i>	Vandalismo	Agressão	Roubo	Condutas contras as normas	Consumo de Droga	<i>M ±DP</i>
Violência emocional mãe	.262**	.262**	.235**	.322**	.296**	.449±.594
Violência física mãe	.296**	.296**	.258**	.295**	.270**	.120±.379
Violência emocional pai	.237**	.263**	.212**	.315**	.281**	.591±.762
Violência física pai	.277**	.327**	.267**	.343**	.320**	.284±.720
<i>M ±DP</i>	.332±.656	.431±.646	.297±.698	.530±.736	.307±.696	

Nota: CTS- Conflict Tactics Scales; CCA - Questionário de condutas Antissociais; *M*= Média; *DP*= Desvio-Padrão; ** $p < 0.01$.

Papel preditor do sexo, da violência emocional e física perpetrada pelo pai e pela mãe no desenvolvimento de condutas desviantes

Foi realizada uma regressão hierárquica múltipla para avaliar a capacidade preditiva das táticas de resolução de conflito (violência física e emocional observada pela mãe e pelo pai) no envolvimento das diferentes condutas desviantes. O bloco 1 correspondeu à variável *dummy*, sexo (sendo 0 sexo masculino e 1 sexo feminino) e o bloco 2 correspondeu às variáveis das CTS (*Conflict Tactics Scales*).

No que respeita ao vandalismo, o bloco 1 explica 7.7% para a variância total ($R^2=.077$) e contribui individualmente com 7.7% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .077$), apresentando um contributo significativo [$F(1,669) = 56.021; p = .000$]. O bloco 2 aponta para um contributo significativo [$F(5,665) = 32.964; p = .000$] e explica 19.9 % do total da variância total ($R^2=.199$) contribuindo individualmente com 12.1 % da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .121$). Analisando de forma individual o contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que três das variáveis independentes apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) e predizem positivamente o desenvolvimento do vandalismo pelos adolescentes: violência emocional da mãe ($\beta=.182$),

violência física do pai ($\beta=.161$), bem como pertencer ao sexo masculino ($\beta =.278$) (considerando 0 sexo masculino e 1 feminino).

Relativamente à dimensão agressão perpetrada pelo bloco 1 apresenta uma contribuição para a variância total de 7.7% ($R^2=.077$), e contribui individualmente com 7.7% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .077$), apresentando um contributo significativo para o modelo [$F(1.669) = 55.941; p = .000$]. O bloco 2 aponta para um contributo significativo [$F(5.665) = 12.246; p = .000$] e explica 21.9 % do total da variância total ($R^2=.219$) contribuindo individualmente com 14.2 % da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .142$). Verifica-se que três das variáveis independentes apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) e predizem positivamente o desenvolvimento da agressão pelos adolescentes: violência emocional da mãe ($\beta=.155$), violência física do pai ($\beta=.228$) e pertencer ao sexo masculino ($\beta=-.278$) (considerando 0 sexo masculino e 1 sexo feminino).

No variável roubo o bloco 1 explica 7% da variância total ($R^2=.070$) contribuindo individualmente com 7% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .070$), apresentando um contributo significativo [$F(1.669) = 50.057; p = .000$]. O bloco 2 apresenta um contributo significativo [$F(5.665) = 28.196; p = .000$], explicando 17.5% do total da variância ($R^2=.175$) e de forma individual explica 10.5% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .105$). No que respeita ao contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, averigua-se que três das variáveis independentes dos blocos, predizem positivamente o desenvolvimento do roubo pelos adolescentes: violência emocional da mãe ($\beta=.175$) e a violência física do pai ($\beta=.189$) e ser do sexo masculino ($\beta=.264$) (considerando 0 sexo masculino e 1 feminino).

Na variável condutas contra as normas o bloco 1 explica 5.8 % da variância total ($R^2=.058$) e contribui individualmente com 5.8% da variância para o modelo ($R^2 \text{ change} = .058$) apresentando um contributo significativo [$F(1.669) = 41.244; p = .00$]. O Bloco 2 apresenta um contributo significativo [$F(5.665) = 38.770; p = .000$], explica 22,6% da variância total

($R^2=.226$) e contribui com 16.8% da variância para o modelo ($R^2change=.168$). Analisando de forma individual, verifica-se que três das variáveis independentes apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) e predizem as condutas contra as normas: violência emocional da mãe ($\beta=.213$) e a violência física do pai ($\beta=.212$) e ser do sexo masculino ($\beta=.241$) (considerando 0 sexo masculino e 1 feminino).

Por último, no variável consumo de drogas o bloco 1 explica 3.4 % da variância total ($R^2=.034$) e contribui individualmente com 3.4% da variância para o modelo ($R^2change=.034$) apresentando um contributo significativo [F (1.669) =23.750; $p =.00$]. O Bloco 2 apresenta um contributo significativo [F (5.665) =28.492; $p =.000$], explica 17,6% da variância total ($R^2=.176$) e contribui com 14.2% da variância para o modelo ($R^2change=.142$). Analisando de forma individual, verifica-se que três das variáveis independentes apresentam uma contribuição significativa ($p \leq .05$) e predizem o consumo de droga: violência emocional da mãe ($\beta=.216$) e a violência física do pai ($\beta=.230$) e mais uma vez ser do sexo masculino ($\beta=.185$) (considerando 0 sexo masculino e 1 sexo feminino).

Tabela 4

Papel preditor do sexo e das táticas de resolução de conflito no desenvolvimento de condutas desviantes

		R^2	$R^2Change$	B	$S. Error$	β	t	p
Vandalismo								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.077	.077			-.278		
Bloco 2	CTS	.199	.121					
	Violência emocional mãe			.201	.062	.182	3.262	.001
	Violência Física mãe			.197	.081	.114	2.449	.015
	Violência emocional pai			-.030	.058	-.035	-.517	.606
	Violência Física Pai			.147	.053	.161	2.742	.006
Agressão								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.077	.077			-.278		
Bloco 2	CTS	.219	.142					
	Violência emocional mãe			.169	.060	.155	2.827	.005

	Violência Física mãe			.175	.078	.103	2.236	.026
	Violência emocional pai			-.028	.057	-.034	-.502	.616
	Violência Física Pai			.204	.052	.228	3.933	.000
Roubo								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.070	.070				-.264	
Bloco 2	CTS	.175	.105					
	Violência emocional mãe			.206	.066	.175	3.104	.002
	Violência Física mãe			.168	.087	.092	1.937	.053
	Violência emocional pai			-.062	.063	-.068	-.981	.327
	Violência Física Pai			.183	.058	.189	3.178	.002
Condutas contra as normas								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.058	.058				-.241	
Bloco 2	CTS	.226	.168					
	Violência emocional mãe			.264	.068	.213	3.889	.000
	Violência Física mãe			.129	.089	.067	1.456	.146
	Violência emocional pai			.002	.064	.002	.024	.000
	Violência Física Pai			.216	.059	.212	3.670	.000
Consumo de droga								
Bloco 1	Sexo (<i>dummy</i>)	.034	.034				-.185	
Bloco 2	CTS	.176	.142					
	Violência emocional mãe			.253	.066	.216	3.827	.000
	Violência Física mãe			.091	.087	.050	1.055	.292
	Violência emocional pai			-.042	.063	-.046	-.673	.501
	Violência Física Pai			.222	.057	.230	3.867	.000

Nota: CTS- Conflict Tactics Scales; B, SE e β para um nível de significância de $p \leq .05$.

Discussão

Na presente investigação pretendeu-se verificar em que medida, as táticas de resolução de conflitos utilizadas pelos pais (violência física e violência emocional perpetradas pelo pai e pela mãe, um contra o outro) e observadas pelos adolescentes, influenciam no desenvolvimento de condutas desviantes em adolescentes de ambos os sexos entre os 12 e os 20 anos de idade.

Os nossos dados vão ao encontro dos trabalhos realizados (Lourenço, Salgado, & Amaral, 2011; Cénat et al., 2015) em que o sexo masculino apresenta uma média mais elevada em todas as dimensões avaliadas (vandalismo, agressão, roubo, consumo de droga e condutas contra as normas) comparativamente com o sexo feminino. Estes resultados podem estar relacionados com fatores envolvidos no processo de socialização, sendo esperado que o modelo educacional feminino seja direcionado para o diálogo, enquanto o sexo masculino para a ação (Matos, 2019; Vasconcelos et al., 2008).

No que respeita às possíveis diferenças em função da idade, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas em relação às condutas desviantes analisadas, sendo que adolescentes entre os 16 e os 20 anos, apresentam uma média superior. Jovens entre os 16 e 20 anos encontram-se na fase de elevada insegurança, turbulência, rompimento com os traços familiares, busca de autonomia, podendo levar a comportamentos menos adequados (Lourenço & Paiva, 2006; Vasconcelos et al., 2008).

Quanto às táticas de resolução de conflitos adotadas pelos progenitores observou-se que o sexo feminino informa de maior violência emocional observada tanto pelo pai como pela mãe, resultados que vão ao encontro de outros estudos (Bourassa, 2007). As restantes variáveis familiares não estabelecem diferenças entre o sexo feminino e masculino. Alguns estudos têm verificado ainda, que os rapazes apresentam uma tendência a intervir nos casos de violência física, enquanto que as raparigas adotam respostas de evitamento, podendo também relacionar-se com a sua sensibilidade (Shelton & Harold, 2008).

Os nossos dados, apontaram ainda para que adolescentes entre os 16 e os 20 anos apresentem médias superiores face à observação da violência física perpetrada pela mãe, assim como da violência física e emocional do pai. Segundo Sani (2003) adolescentes entre os 12 e os 15 anos, tendem a ser mais reservados, relativamente à situação familiar, acabando em determinadas situações por negá-la. Enquanto para Rhoades (2008) não existe um grupo

etário específico, particularmente vulnerável à violência interparental, uma vez que as reações vão mudando com a idade.

No que respeita às associações entre as dimensões das táticas de resolução de conflitos e as condutas desviantes, verificou-se uma associação positiva entre a agressão, condutas contra as normas, consumo de drogas e a violência física perpetrada pelo pai, assim como entre a violência emocional perpetrada pelo pai e pela mãe e as condutas contra as normas. Os resultados obtidos vão ao encontro dos estudos realizados (Holt, Buckley, & Whelan, 2008; Cénat et al., 2015) revelando uma forte associação entre exposição à violência interparental e a prevalência de delinquência juvenil.

Verificou-se ainda que a violência emocional e física da mãe e a violência física do pai perpetrada aquando de um conflito prediz positivamente o envolvimento em condutas como: o vandalismo, agressão, consumo de drogas e condutas contra as normas. O que também verificaram Ferguson e Horwood (1998) que adolescentes que presenciavam a violência física perpetrada pelo pai, apresentavam uma maior probabilidade de problemas relacionados com as condutas contra as normas, enquanto a violência emocional perpetrada pela mãe com problemas como o consumo.

Os nossos dados permitiram ainda verificar que os rapazes que presenciem a violência interparental predizem positivamente o envolvimento nas diferentes condutas desviantes. Dados que vão encontro da investigação de Maldonado e Williams (2005), que verificaram que a exposição à violência doméstica e o desenvolvimento de comportamentos agressivos é superior no sexo masculino que no sexo feminino, concluindo ainda que os comportamentos agressivos destes jovens, podem ser considerados como um alerta para a vivência familiar. Enquanto que, Bourassa (2007) na sua investigação verificou ser difícil estabelecer se as meninas e os meninos são afetados de modo diferente pela exposição à violência interparental, verificando resultados semelhantes entre ambos os sexos.

Assim, a partir dos resultados da presente investigação, verifica-se que quanto mais expostos os adolescentes estiverem tanto à violência física como emocional perpetrada pelos progenitores maior o seu envolvimento em vandalismo, roubo, agressão, consumo de substâncias e condutas contra as normas.

Segundo estudos realizados (Bourassa, 2000; Evans, 2008; Grych et al., 2000; Hornor, 2005; Kernic et al., 2002; Sani, 2006; Sternberg et al., 2006), a presença da violência interpaparental apresenta efeitos diretos ou indiretos na vida do adolescente, colocando em risco o seu desenvolvimento saudável. Adolescentes que testemunhem violência interpaparental encontram-se mais propensos ao desenvolvimento de problemas de externalização (raiva, agressividade, delinquência, condutas contra as normas) ou internalização (consumo de álcool e drogas), apontam ainda que estes adolescentes frequentemente utilizam a agressão como resposta ao conflito nas suas relações pessoais e familiares, passando a assumir como o seu modo de agir naturalmente (Moreti et al., 2006; Sani, 2006). Uma possível explicação para os resultados apresentados, segundo Formiga (2005), poderá passar pelo facto dos adolescentes que presenciaram a violência interpaparental, adotarem comportamentos transgressores como o modo de reagir aos seus conflitos e frustrações, por exemplo através do roubo, ou como uma tentativa de chamar atenção ou procura de ajuda.

A literatura tem vindo a verificar que os filhos não necessitam de experimentar a violência para serem afetados por ela. No entanto, a envolvimento familiar e as condutas dos filhos não devem ser realizadas de acordo com determinadas atuações dos pais, mas sim de acordo com um conjunto de fatores que possam influenciar o desvio dos filhos (Martins, 2005).

Em geral, os resultados coincidem com os pressupostos teóricos, que se encontram na literatura relativa à temática. A exposição influencia no modo como os jovens encaram o

mundo, levando à tomada de comportamentos desadaptativos, como resposta aos problemas que se deparam.

Limitações, propostas para estudos futuros e implicações práticas

Atentamos, no entanto, que os resultados apresentados devem ser analisados à luz de algumas limitações que devem ser identificadas e discutidas. Uma das limitações prende-se com o tamanho da amostra, não sendo representativa da população portuguesa, mas apenas da região norte do país. Outra limitação, no que diz respeito ao tipo transversal da investigação. Não permitindo, conferir a estabilidade dos resultados, o que se verificaria num estudo longitudinal, podendo averiguar os efeitos da exposição nesta fase do desenvolvimento e no funcionamento do indivíduo, na idade adulta.

Tendo em conta os resultados obtidos, para futuras investigações seria relevante expandir a amostra, e avaliar questões relacionados com outros tipos de violência interparental, no sentido de uma melhor compreensão do impacto que este tipo de violência representa na vida dos adolescentes. Uma preocupação de todos os cidadãos, cabendo o dever de comunicar a entidades competentes se deterem conhecimento deste tipo de exposição, no sentido de procurar programas de prevenção e intervenção para estes jovens.

Com isto, acreditamos ter apresentado dados novos relativos à problemática, que potenciem o interesse no âmbito da investigação e intervenção na violência interparental. Contribuindo com um estudo, também ele, de carácter preventivo, sendo uma temática que deverá ser divulgada, de modo a que para além de remediar o problema se possa intervir o mais precocemente com estes jovens, e evitar futuros episódios de vitimação e comportamentos de conduta.

Conclusão

A adolescência trata-se de uma fase crucial para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, estando presentes vários problemas comportamentais nos adolescentes. A família tem vindo a ser considerada como um dos principais fatores de risco, por ser a forte responsável pela socialização inicial e conceção da identidade do adolescente, assumindo-se como o seu ponto de maior referência, influenciando no futuro (Silva & Santos, 2018).

Os dados da presente investigação demonstraram que a violência interparental correlaciona-se positivamente com as condutas desviantes desenvolvidas pelos adolescentes, o que também tem vindo a ser confirmado na literatura (Cénat, 2015; Sani, 2006).

A exposição à violência interparental, ou seja, quando os adolescentes se constituem como testemunhas da violência entre os progenitores, torna-se também como uma forma de mau trato ao jovem. Não se apresentando como um problema novo, mas que tem vindo a despertar atenção da sociedade, compreender como episódios de violência em contextos interparental pode comprometer o seu desenvolvimento e levar ao aumento de problemas comportamentais.

Deste modo, apesar deste tipo de violência apresentar várias consequências na vida dos adolescentes, ainda é um fenómeno que necessita de mais informação, sendo essencial criar soluções para combater este problema.

Acreditamos, que os nossos dados contribuem para a compreensão do impacto deste tipo de violência no desenvolvimento dos adolescentes. Assinalando, que estes resultados, abrem novos caminhos para explorar em trabalhos futuros nesta área.

Como conclusão, a investigação fornece elementos de aproximação compreensiva do impacto na violência interparental no envolvimento de condutas desviantes nos adolescentes.

Referências Bibliográficas

- Alberto, I. (2014). Maus tratos e negligência de crianças: Modelos e formatos de intervenção. In. M. Matos (Eds.). *Vítimas de crime e violência: Práticas de intervenção* (pp. 13-26). Braga: Psiquilibrios.
- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 20(4), 637-645.
- Bourassa, C. (2007). Co-occurrence of interparental violence and child physical abuse and it's effect on the adolescents' behavior. *Journal of Family Violence*, 22(8), 691-701.
- Burgess, R. I., & Akers, R. I. (1966). A differential association-reinforcement theory of criminal behavior. *Social Problems*, 14, 128-147.
- Cénat, J. M., Hébert, M., Blais, M., Lavoie, F., & Guerrier, M. (2015). Comportamento delinquente entre alunos expostos à violência familiar em escolas de Québec. *Adolescência e Saúde*, 12(3), 43-52.
- Couto, I. (2014). *O problema da imputabilidade penal* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Católica do Porto, Porto.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd Ed). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Evans, S. E., Davies, C., & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior*, 13(2), 131-140. doi:10.1016/j.avb.2008.02.005
- Felippe, M. L., Raymundo, L. S, & Kuhnen, A. (2012). Frequência autorreportada de vandalismo na escola: Questões de gênero, idade e escolaridade. *Psico*, 43(2), 13.

- Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychosocial adjustment in young adulthood. *Child, Abuse & Neglect*, 22(5), 339-357.
- Ferreira, P. M. (2000). Controlo e identidade: A não conformidade durante a adolescência. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (33), 55-85.
- Ferro, A. L. A. (2008). Sutherland, a teoria da associação diferencial e o crime de colarinho branco. *Revista Jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, não tem volume nem número*, 144-167.
- Formiga, N. S. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: Influência dos pares socionormativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(4), 602-613.
- Freire, I. P., Simão, A. M. V., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Grych, J. H., Jouriles, E. N., Swank, P. R., McDonald, R., & Norwood, W. D. (2000). Patterns of adjustment among children of battered women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68(1), 84-94. doi: 10.1037/0022-006X.68.1.84
- Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 1083-1093.
- Hirschi, T. (1969). *Causes of delinquency*. Berkley: University of California Press.

- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32(8), 797-810. doi: 10.1016/j.chiabu.2008.02.004
- Hornor, G. (2005). Domestic violence and children. *Journal of Pediatric Health Care*, 19(4), 206-212. doi: 10.1016/j.pedhc.2005.02.002
- Jouriles, E. N., Spiller, L. C., Stephens, N., McDonald, R., & Swank, P. (2000). Variability in adjustment of children of battered women: The role of child appraisals of interparent conflict. *Cognitive Therapy and Research*, 24(2), 233-249. doi: 10.1023/A:1005402310180
- Kernic, M. A., Holt, V. L., Wolf, M. E., McKnight, B., Huebner, C. E., & Rivara, F. P. (2002). Academic and school health issues among children exposed to maternal intimate partner abuse. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 156(6), 549-555. doi: 10.1001/archpedi.156.6.549
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The Lancet*, 360(9), 1083-1088. doi: 10.1016/S0140-6736(02)11133-0
- Laranjeira, C. A. (2007). A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura. *Psicologia em estudo*, 12(2), 221-227.
- Lisboa, C. S. M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Federal do Rio Grande Sul, Rio grande Sul.
- Maldonado, D. P. A., & Williams, L. D. A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 353-362.
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística: Com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações* (2ª Ed.) Pêro Pinheiro: Report Number.
- Martins, J. M. (2005). *Violência e maus-tratos em contextos de socialização e delinquência juvenil* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Martins, M. J. (2012). Conduitas agressivas na adolescência: Factores de risco e de proteção. *Análise Psicológica*, 23(2), 129-135. doi: 10.14417/ap.77
- Matos, M. (2019). Psicopatologia da adolescência, desvios e delinquência – Contributos para um diálogo interdisciplinar. In J. Martins & M. Simões (Coord.), *Crime, Desvio e Risco na Adolescência* (pp.183-200). Lisboa: Edições Sílabo.
- McDonald, R., Jouriles, E. N., Ramisetty-Mikler, S., Caetano, R., & Green, C. E. (2006). Estimating the number of American children living in partner-violent families. *Journal of Family Psychology*, 20(1), 137-142.
- Ministério da Administração Interna (2017). Relatório anual de segurança interna 2017. Recuperado de <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=9f0d7743-7d45-40f3-8cf2-e448600f3af6>
- Mirón, L. (1990). *Familia, grupo de iguaes y empatía. Hacia un modelo explicativo de la delincuencia juvenil* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Moretti, M. M., Obsuth, I., Odgers, C. L., & Reebye, P. (2006). Exposure to maternal vs. paternal partner violence, PTSD, and aggression in adolescent girls and boys. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 32(4), 385-395. doi: 10.1002/ab.20137

- Overlien, C. (2010). Children exposed to domestic violence: Conclusions from the literature and challenges ahead. *Journal of Social Work, 10*(1), 80-97. doi: 10.1177/1468017309350663.
- Overlien, C., & Hydén, M. (2009). Children's actions when experiencing domestic violence. *Childhood, 16*(4), 479-496. doi: 10.1177/0907568209343757.
- Ribeiro, M. D., & Sani, A. I. (2009). Risco, protecção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciência da Saúde, (6)*, 400-407.
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual: A step by step to data analysis using SPSS for windows (12th Ed.)*. Austrália: Allen & Unwin.
- Rhoades, K. A. (2008). Children's responses to interparental conflict: A meta-analysis of their associations with child adjustment. *Child Development, 79*(6), 1942-1956. doi: 10.1111/j.1467-8624.2008.01235.x
- Sani, A. (2003). *As Crenças, o Discurso e a Acção: as Construções de Crianças Expostas à Violência Interparental* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Braga.
- Sani, A.I. & Almeida, T. (2011). Violência interparental: A vitimação indireta de crianças. In A.I. Sani (Coord.). *Temas da Vitimologia: realidades emergentes na vitimação e respostas sociais* (pp.12-32). Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Sani, A. I. (2006). Vitimação indirecta de crianças em contexto familiar. *Análise Social, (180)*, 849-864.
- Sani, A. I. (2007). As crenças das crianças sobre a violência e as percepções sobre os conflitos interparentais. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 4*, 198-208.
- Shelton, K. & Harold, G. (2008). Pathways Between Interparental Conflict and Adolescent Psychological Adjustment: Bridging Links Through Children's Cognitive Appraisals and Coping Strategies. *The Journal of Early Adolescence, 28* (4), 555-582. doi: 10.1177/0272431608317610

- Silva, J. S., & Santos, J. R. O. (2018). Representações sobre a família e violência: uma revisão bibliográfica. *Revista Uningá*, 55(1), 53-63.
- Soares, L., & Sani, I.A. (2017). O impacto da exposição à violência interparental nas crianças: Variáveis mediadoras. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(12), 57-71.
- Sternberg, K. J., Baradaran, L. P., Abbott, C. B., Lamb, M. E., & Guterman, E. (2006). Type of violence, age, and gender differences in the effects of family violence on children's behavior problems: A mega-analysis. *Developmental Review*, 26(1), 89-112. doi: 10.1016/j.dr.2005.12.001
- Sternberg, K. J., Lamb, M. E., Guterman, E., & Abbott, C. B. (2006). Effects of early and later family violence on children's behavior problems and depression: A longitudinal, multi-informant perspective. *Child Abuse & Neglect*, 30(3), 283-306. doi: 0.1016/j.chiabu.2005.10.008
- Straus, M. A., 1979. Measuring intrafamilial conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 75-88.
- Tomé, G., Camacho, I., Matos, M. D., & Diniz, J. A. (2011). A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756.
- Vasconcelos, T. C., Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., & Pessoa, V. S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65.
- Yessine, A. (2011). Risk factors for delinquency among Canadian youth: Current knowledge and future directions. *Public Safety Canada*, 1-10.

Considerações Finais

Com a presente investigação procurámos acrescentar, por um lado, uma ferramenta de diagnóstico clínico e científico para a população portuguesa, e contribuir para o estudo do impacto da violência interparental sobre o envolvimento de condutas desviantes em adolescentes.

Concretamente, procurou-se contribuir com a adaptação e apresentação de dados psicométricos do Questionário de Condutas Antissociais (CCA) de Mirón (1990) traduzido por Martins (2005), numa amostra de adolescentes portugueses.

Os resultados do primeiro estudo corroboram o modelo definido pelos autores (Mirón, 1990; Martins, 2005), apresentando um instrumento multidimensional, sendo utilizado na investigação, a proposta de Martins (2005) constituído por 51 itens, demonstrando-se mais apropriado para a população portuguesa, estando agrupados os itens em 5 cinco tipos de conduta desviantes, nomeadamente, vandalismo, agressão, condutas contra as normas, consumo de drogas e roubo.

A análise fatorial confirmatória apresentou valores de ajustamento adequados, podendo ser um instrumento aplicado em outras amostras portuguesas. Considerada a análise fatorial confirmatória, como uma das mais utilizadas na construção de instrumentos psicológicos, utilizada para avaliar a qualidade do ajustamento de um modelo de medida teórica à estrutura correlacional observada pelas variáveis manifestas (itens) (Byrne, 2001; Mâroco, 2014).

Num segundo momento da dissertação, abordou-se uma outra temática, que por vezes se encontra negligenciada, direcionando-se apenas para a violência doméstica, esquecendo-se dos casos em que esta ocorre na presença dos menores (filhos do casal), a violência interparental. Procurou-se compreender o impacto da vivência da violência interparental, mais concretamente da utilização da violência emocional e física perpetrada pelos progenitores,

aquando de um conflito, e a influência que apresenta no envolvimento dos adolescentes nas diferentes condutas desviantes. Através da análise dos resultados, foi possível verificar que o sexo masculino apresenta médias superiores relativamente aos diferentes tipos de condutas avaliadas, comparativamente com o sexo feminino, o que também constatou Lourenço e Paiva (2006), na sua investigação, que são os rapazes quem mais se envolvem em condutas desviantes. Os dados apresentados apontaram ainda, que adolescentes entre os 16 e os 20 anos, apresentam médias superiores, comparativamente com adolescentes entre os 12 e os 15 anos, no envolvimento de condutas desviadas. Para Couto (2014), os jovens encontram-se cada vez menos autónomos, emocionalmente menos maduros, mais submissos e sujeitos a manipulação, assim como uma entrada mais tardia no mundo das responsabilidades e do trabalho.

No que respeita, ao principal objetivo do segundo estudo, relativamente à violência interparental, foi possível verificar, que rapazes que presenciem a violência interparental predizem positivamente o envolvimento nas diferentes condutas desviantes. Indicando ainda que a violência emocional da mãe e a violência física do pai perpetrada aquando um conflito prediz positivamente o envolvimento em condutas como: o vandalismo, agressão, roubo, condutas contra as normas e o consumo de drogas, pelos adolescentes. Assim, quanto maior a observação da utilização da violência, como uma estratégia de resolução de conflito, tanto pelo pai como pela mãe, maior a conduta desviada dos adolescentes (Bourassa, 2007; Cénat, 2015; Moretti, 2006). A exposição a conflitos interparentais, encontra-se associado a problemas a vários níveis comportamentais, deste modo torna-se importante, compreender as múltiplas dimensões do conflito (Cummings & Davies, 2002). A ocorrência do conflito conjugal, mais concretamente a exposição a episódios de violência entre o casal, apresenta-se como uma das formas de interação que acarreta graves consequências para o desenvolvimento do indivíduo. As investigações tem verificado o impacto negativo que este tipo de conflito

representa no desenvolvimento psicológico, sobretudo nos casos em que se presenciaram a violência física e emocional entre o casal (Benetti, 2006).

Mediante os resultados apresentados, a investigação pretendeu verificar o impacto que este tipo de violência apresenta na vida dos adolescentes e na sua conduta, contribuindo para a investigação nesta área específica, chamando atenção para os investigadores, clínicos e pais para esta problemática. É de elevada relevância, a importância de estudos no âmbito da violência interparescente, de modo a compreender estes contextos, bem como na procura de recursos que auxiliem a lidar com estas situações. Sobretudo no campo da justiça e terapia familiar, tornando-se benéfico para as famílias (Santos & Costa, 2004).

É de salientar, algumas limitações, como o facto de restringir a análise apenas entre duas dimensões da violência interparescente, recorrendo-se também apenas a dois instrumentos de autorrelato. Outra das limitações prende-se com a amostra, visto apenas ser representativa da zona norte de Portugal. Acreditamos, que estudos com amostras mais representativas, poderão apresentar resultados mais elucidativos sobre a temática em questão.

Referências Gerais

- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 20(4), 637-645.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 261-268.
- Bessa, L. A. S. (2011). *Personalidade e Procura de Sensações: a sua relação com comportamentos antissociais* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Bourassa, C. (2007). Co-occurrence of interparental violence and child physical abuse and it's effect on the adolescents' behavior. *Journal of Family Violence*, 22(8), 691-701.
- Byrne, B. M. (2001). Structural equation modeling with AMOS, EQS and LISREL: Comparative approaches to testing for the factorial validity of a measuring instrument. *International Journal of Testing*, 1(1), 55-86. doi: 10.1207/S15327574IJT0101_4
- Caridade, S. M. M., Martins, A. C., & Nunes, L. (2019). Estilo de vida dos adolescentes e jovens adultos e comportamentos desviantes e delinquentes: Das vivências familiares, escolares e individuais. *Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social*, 5(1), 40-60. doi: 10.31211/rpics.2019.5.1.106
- Casimiro, E. A. S. (2013). *O conflito interparental e a criança: percepção e ajustamento* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cénat, J. M., Hébert, M., Blais, M., Lavoie, F., & Guerrier, M. (2015). Comportamento delinvente entre alunos expostos à violência familiar em escolas de Québec. *Adolescência e Saúde*, 12(3), 43-52.

- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of child psychology and psychiatry*, 43(1), 31-63. doi: 10.1111/1469-7610.00003
- Curto, P. J. D. J. (2000). *Apego à família, grupo de pares e condutas anti-sociais na adolescência* (Tese de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Porto
- Durand, J. G., Schraiber, L. B., Junior, I., & Barros, C. (2011). Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Revista de Saúde Pública*, 45, 355-364.
- Evans, S. E., Davies, C. & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior*, 13(2), 131-140. doi:10.1016/j.avb.2008.02.005
- Formiga, N. S. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: influência dos pares socionormativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(4), 602-613.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. D. S., & Coelho, T. M. F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paul Enferm*, 20(4), 504-8.
- Lourenço, A. A., & Paiva, M. O. A. (2006). Comportamentos anti-sociais dos adolescentes: influência da satisfação escolar. *Psicologia, Educação e Cultura*, 10(1), 159-181.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações* (2ª Ed.) Pêro Pinheiro: Report Number.
- Martins, J. M. (2005). *Violência e maus-tratos em contextos de socialização e delinquência juvenil* (Tese de mestrado não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.

- Matos, M. (2019). Psicopatologia da adolescência, desvios e delinquência – Contributos para um diálogo interdisciplinar. In J. Martins & M. Simões (Coord.), *Crime, Desvio e Risco na Adolescência* (pp. 183-200). Lisboa: Edições Sílabo.
- Mirón, L. (1990). *Familia, Grupo de Iguales y Empatía. Hacia un Modelo Explicativo de la Delincuencia Juvenil* (Tese de Doutoramento não publicada). Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela.
- Moretti, M. M., Obsuth, I., Odgers, C. L., & Reebye, P. (2006). Exposure to maternal vs. paternal partner violence, PTSD, and aggression in adolescent girls and boys. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 32(4), 385-395. doi: 10.1002/ab.20137
- Paula, M. D., & Assumpção J. F. (2013). Delinquência juvenil e família. *Revista Psicopedagogia*, 30(91), 43-51.
- Pinto, L. F. (2014). *Valores pessoais e comportamentos anti-sociais em adolescentes em regime de internato e externato numa instituição escolar* (Tese de Mestrado não publicada). Universidade Lusófona do Porto, Porto.
- Rodríguez, J. A. (2014). Un análisis de la relación entre grupo de amigos, edad y conducta antisocial: Delimitando diferencias de género. *Archivos de Criminología, Seguridad Privada y Criminalística*, 4, 1-20.
- Rodríguez, J. A., & Redondo, L. M. (2008). Grupos de amigos y conducta antisocial. *Capítulo Criminológico*, 36(4), 121-149.
- Rodríguez, J. A., Mirón, L., & Rial, A. (2012). Análisis de la relación entre grupo de iguales, vinculación familiar y escolar, autocontrol y conducta antisocial, en una muestra de adolescentes venezolanos. *Revista de Psicología Social*, 27(1), 25-38. doi: 10.1174/021347412798844033

Sá, A. A., Gasparetto, D. K., Maciel, E. S., Nunes, M. L., Felisbin, P., & Felipeto, M. F.

(2018). Adolescência e saúde. *Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa*, 26(51), 73-78.

Santos, L. V., & Costa, L. F. (2004). Avaliação da dinâmica conjugal violenta e suas repercussões sobre os filhos. *Psicologia: teoria e prática*, 6(1), 59-72.

Silva, J. S., & Santos, J. R. (2018). Representações sobre a família e violência: uma revisão bibliográfica. *Revista Uningá*, 55(1), 53-63.

ANEXOS

ANEXO I

1.1. Análise Fatorial Confirmatória do CCA (versão 51 itens) (Martins, 2005) estudo empírico

II

1.2. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pelo pai.

1.3. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pela mãe.

ANEXO II

2.1. Questionário Sociodemográfico

2.2. Proposta do Questionário de Condutas Antissociais, versão portuguesa (Martins, 2005)

2.3. *Conflict Tactics Scale* (CTS) versão utilizada na investigação

ANEXO III

3.1 Carta dirigida aos diretores das instituições

3.2. Consentimento informado

3.3. Parecer da comissão de Ética da UTAD

ANEXO I

1.1. Análise Fatorial Confirmatória do CCA (versão 51 itens) (Martins, 2005) estudo empírico

II.

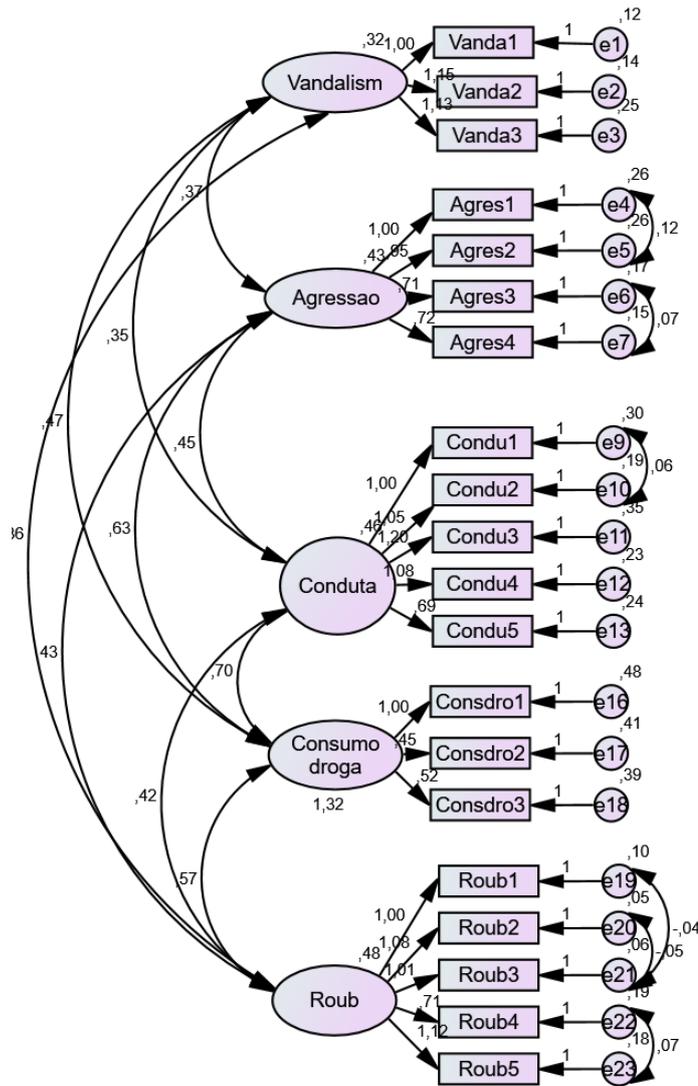


Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória do CCA (versão 51 itens) (Martins, 2005), estudo empírico II. Vanda1 a Vanda3: indicadores empapelados do fator Vandalismo, Agres1 a Agres4: indicadores empapelados do fator Agressão; Condu1 a Condu7: indicadores empapelados do fator Condutas contra as normas; Consdro1 a Consdro3: indicadores empapelados do fator Consumo de droga; Roub1 a Roub5: indicadores empapelados do fator Roubo. Vanda1: empapelamento dos itens 1,2 e 21; Vanda2: empapelamento dos itens 25 e 26; Vanda3: empapelamento dos itens 33 e 39; Agres1: empapelamento dos itens 2, 6 e 11; Agres2: empapelamento dos itens 14,21 e 25; Agres3: empapelamento dos itens 37 e 40; Agres4: empapelamento dos itens 43 e 45; Condu1: empapelamento dos itens 3, 4 e 8; Condu2: empapelamento dos itens 16,17 e 19; Condu3: empapelamento dos itens 22, 26 e 29; Condu4: empapelamento dos itens 32, 34 e 36; Condu5: empapelamento dos itens 38 e 42; Consdro1: empapelamento dos itens 5, 9 e 13; Consdro2: empapelamento dos itens 23 e 30; Consdro3: empapelamento dos itens 47 e 48; Roub1: empapelamento dos itens 7,12 e 15; Roub2: empapelamento dos itens 10,28 e 31; Roub3: empapelamento dos itens 35, 41 e 44; Roub4: empapelamento dos itens 46 e 49; Roub5: empapelamento dos itens 50 e 51.

$$\chi^2 = 7.585, g/1=154, p = .00, CFI=.92, GFI=.85, RMSEA = .09.$$

1.2. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pelo pai.

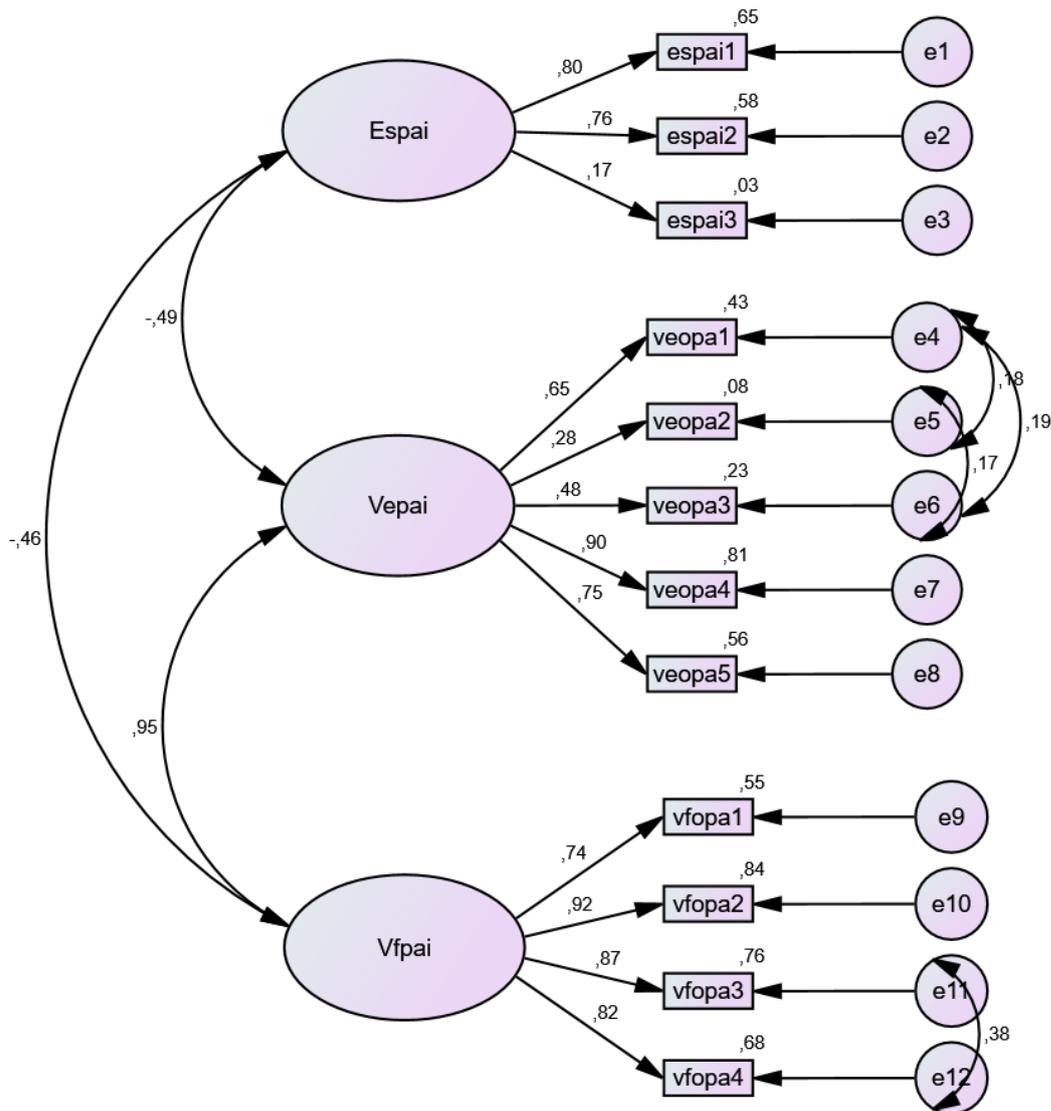


Figura2. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pelo pai. Espai: Fator latente da dimensão Estratégias não violentas; Vepai: Fator latente da dimensão Violência emocional perpetrada pelo pai; Vfpai: Fator latente da dimensão Violência emocional perpetrada pelo pai.

$\chi^2 = 3.791$, $gl=47$, $p = .00$, CFI= .96, GFI =.97, RMSEA = .07

1.3. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pela mãe.

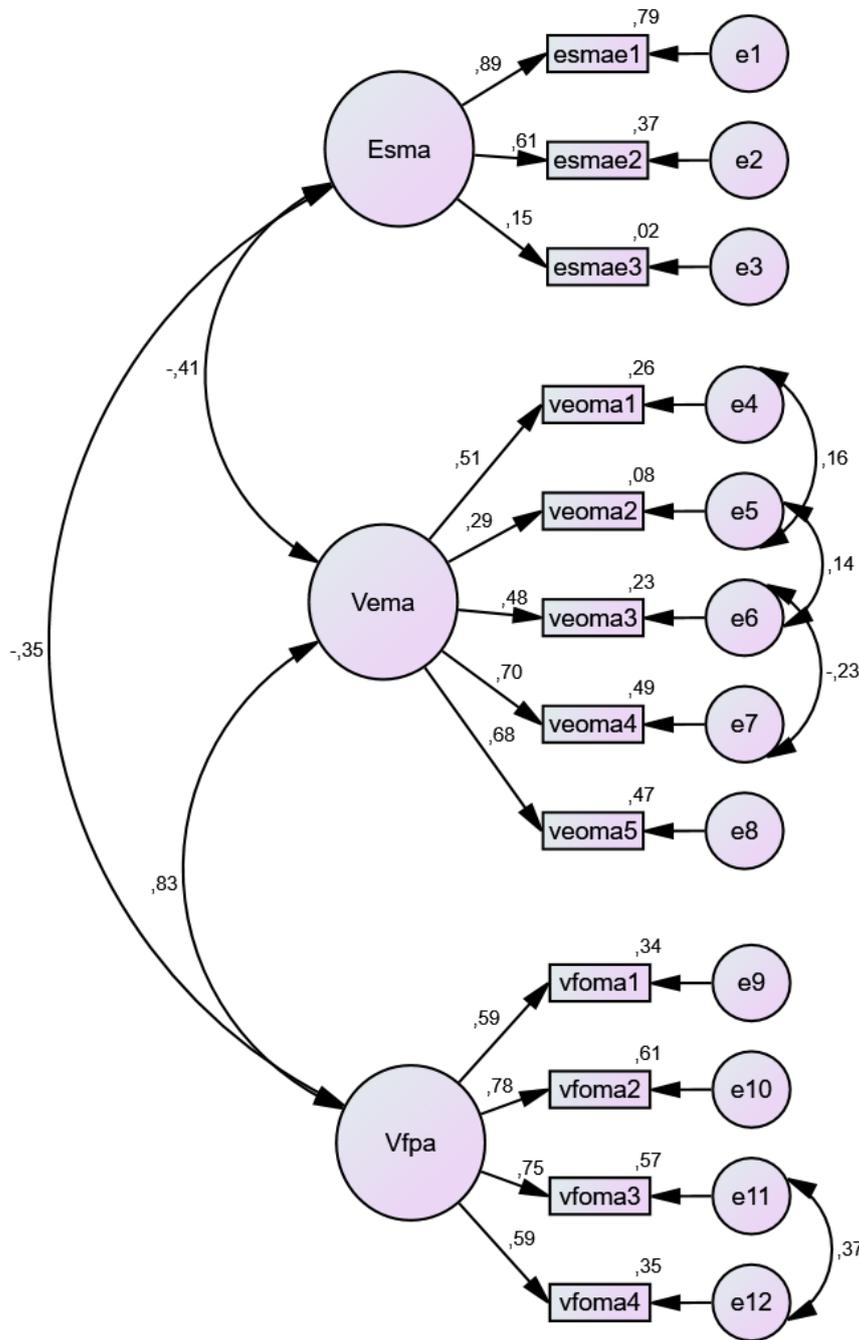


Figura3. Análise Fatorial Confirmatória CTS (*Conflict Tactics Scale*) perpetrada pela mãe. Esma: Fator latente da dimensão Estratégias não violentas perpetradas pela mãe; Vema: Fator latente da dimensão Violência emocional perpetrada pela mãe; Vfma: Fator latente da dimensão Violência emocional perpetrada pela mãe.

$\chi^2 = 5.819$, $gl=47$, $p = .00$, CFI= .90, GFI =.94, RMSEA= .08

ANEXO II

2.1. Questionário Sociodemográfico



Questionário Sociodemográfico

Data Aplicação: ___/___/_____

1. **Sexo:** Masculino Feminino
2. **Idade:** _____ anos
3. **Estado civil dos pais:** Solteiros Casados União de Facto Divorciados
Viúvo
4. **Escolaridade do pai:** Analfabeto 1ºCiclo Ensino Secundário Ensino Superior
5. **Escolaridade da mãe:** Analfabeto 1ºCiclo Ensino Secundário Ensino Superior
6. **Profissão do pai:** _____ **Profissão da mãe:** _____

2.2. Proposta do Questionário de Condutas Antissociais, versão portuguesa (Martins, 2005).

2) ACERCA DE TI

De seguida ser-te-ão apresentados alguns comportamentos. Indica com que frequência **TU** os realizaste.

Recorda-se que: - Se **Nunca** os realizaste deves assinalar 1; - Se **Quase Nunca** (1 a 2 vezes) os realizaste deves assinalar 2; - Se os realizaste **Algumas Vezes** (3 a 4 vezes) deves assinalar 3; - Se os realizaste **Muitas Vezes** (5 a 10 vezes) deves assinalar 4; - Se os realizaste, **Frequentemente** (+ de 10 vezes) deves assinalar 5;

1- Partir os vidros de casa desabitadas	0	1	2	3	4
2- Dar uma tarefa a alguém	0	1	2	3	4
3- Viajar de autocarro, comboio, etc sem bilhete	0	1	2	3	4
4- Consumir bebidas alcoólicas em bares antes dos 16 anos	0	1	2	3	4
5- Consumir haxixe, marijuana	0	1	2	3	4
6- Incomodar, insultar, empurrar um desconhecido	0	1	2	3	4
7- Roubar coisas de um automóvel estacionado	0	1	2	3	4
8- Conduzir bêbado (a)	0	1	2	3	4
9- Tomar anfetaminas ou outras substâncias médicas sem terem sido receitadas	0	1	2	3	4
10- Golpear, riscar, danificar automóveis e motas estacionadas	0	1	2	3	4
11- Atacar com as mãos alguém de um grupo rival	0	1	2	3	4
12- Entrar numa casa para roubá-la	0	1	2	3	4
13- Consumir drogas duras (heroína, cocaína, etc.)	0	1	2	3	4
14- Andar à pancada com alguém	0	1	2	3	4
15- Roubar dinheiro de máquinas de jogos, música ou de cabinas telefónicas, etc.	0	1	2	3	4
16- Andar com gente que habitualmente se mete em problemas	0	1	2	3	4
17- Discutir violentamente com o professor	0	1	2	3	4

18- Roubar alguém utilizando a força física	0	1	2	3	4
19- Embebedar-se	0	1	2	3	4
20- Fazer estragos numa loja aberta	0	1	2	3	4
21- Ameaçar alguém com uma arma	0	1	2	3	4
22- Fumar antes dos 16 anos	0	1	2	3	4
23- Consumir mais de uma droga ao mesmo tempo	0	1	2	3	4
24- Sujar as ruas de propósito, virando baldes do lixo e partindo garrafas	0	1	2	3	4
25- Dar um pontapé a alguém	0	1	2	3	4
26- Fugir de casa	0	1	2	3	4
27- Fazer estragos num bar, discoteca, etc.	0	1	2	3	4
28- Roubar coisas de uma loja estando ela aberta	0	1	2	3	4
29- Passar a noite fora de casa sem autorização	0	1	2	3	4
30- Ter problemas de saúde devido ao consumo de drogas	0	1	2	3	4
31- Roubar uma casa particular	0	1	2	3	4
32- Aceitar presentes ou dinheiro sabendo que são roubados	0	1	2	3	4
33- Fazer desenhos obscenos nas paredes	0	1	2	3	4
34- Andar com uma arma, (navalha, etc.) por ela poder ser útil numa luta	0	1	2	3	4
35- Roubar uma mota, bicicleta para dar uma volta com ela	0	1	2	3	4
36- Receber dinheiro por fazer alguma coisa ilegal	0	1	2	3	4
37- Atacar um polícia para impedir que ele detenha alguém	0	1	2	3	4
38- Convencer alguém a fazer alguma coisa ilegal	0	1	2	3	4
39- Destruir ou danificar cabinas telefónicas, latões do lixo, etc.	0	1	2	3	4
40- Agredir alguém com intenção de o (a) matar	0	1	2	3	4

41- Roubar objetos da escola, colégio ou liceu	0	1	2	3	4
42- Se expulso (a) da escola, colégio ou liceu	0	1	2	3	4
43- Oferecer resistência a um polícia que te quer deter	0	1	2	3	4
44- Tomar parte num roubo utilizando armas	0	1	2	3	4
45- Incomodar, insultar, empurrar pessoas idosas	0	1	2	3	4
46- Roubar a bolsa ou carteira a alguém que vai pela rua	0	1	2	3	4
47- Ser detido (a) por vender droga	0	1	2	3	4
48- Vender droga	0	1	2	3	4
49- Roubar coisas que se encontram nos bolsos de roupas penduradas em cabides	0	1	2	3	4
50- Assaltar alguém	0	1	2	3	4
51- Entrar num loja fechada para a roubar	0	1	2	3	4

2.3. Conflict Tactics Scale (CTS), versão utilizada na investigação.

De seguida, aparecem uma série de frases que se referem a diferentes comportamentos que podem ser utilizados para resolver os problemas e desacordos que às vezes ocorrem entre os casais. Deves indicar, se viste a tua **MÃE** a realizar estes comportamentos quando tem algum desacordo com o teu pai, e se viste o teu **PAI** a realizar estes comportamentos quando tem algum desacordo com a tua mãe.

Tendo em conta que:

Se **NUNCA** os viste a realizá-los deves assinalar 0

Se os realizam muito pouco, **QUASE NUNCA**, deves assinalar 1

Se os realizam **ALGUMAS VEZES**, deves assinalar 2

Se os realizam **QUASE SEMPRE**, deves assinalar 3

Se os realizam **SEMPRE**, deves assinalar 4

	Tua Mãe					Teu Pai				
1- Discutir os problemas calmamente	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
2- Tentar compreender a posição dele ou dela durante uma discussão	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
3- Procurar ajuda noutra pessoa quando não conseguem chegar a um acordo	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
4- Insultá-lo(a), ofendê-lo(a) durante uma discussão	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
5- Recusar-se a falar	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
6- Sair violentamente do quarto ou de casa para não ter de continuar a falar	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
7- Ameaçar bater-lhe	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
8- Atirar ou partir algum objeto para mostrar a sua irritação	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
9- Atirar-lhe com um objeto para o (a) atingir	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
10- Empurrá-la(o) ou abandoná-la (o) violentamente	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4

11- Dar-lhe uma bofetada	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4
12- Dar-lhe uma tarefa	0	1	2	3	4	0	1	2	3	4

ANEXO III

3.1. Carta dirigida aos diretores das instituições

Exmo. (a). Senhor Presidente do Conselho Executivo

Felgueiras, XX de XXXX de 2018

Assunto: Pedido de autorização para administração de questionários na XXXXXXXXXXXXX

Exmo. (a) Senhor (a) presidente

Sou aluna da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, e estou a realizar a minha dissertação de Mestrado em Psicologia clínica, orientada pela Professora Doutora Margarida Simões (UTAD) e pela Professora Doutora Inês Relva (UTAD).

Neste âmbito, está a levar-se a cabo uma investigação cujo objetivo é estudar as atitudes e comportamentos dos jovens adolescentes face aos pais e amigos e condutas levadas a cabo em sociedade. Para a concretização dos objetivos mencionados e da recolha de dados que deles decorre, solicito a V. Ex.^a autorização para aplicação dos questionários no agrupamento. Esse questionário é anónimo, ficando assim assegurada a confidencialidade dos dados e a utilização criteriosa da informação recolhida, que se destina a fins meramente científicos.

Assim, solicita-se a vossa autorização para administração dos questionários.

Com os melhores cumprimentos,

a aluna

(Ana Lúcia Moreira Teixeira)

3.2. Consentimento informado



Exmo. Sr. Encarregado de Educação

Assunto: Pedido de colaboração para investigação

Sou aluna na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e estou a realizar a minha dissertação de Mestrado em Psicologia clínica, orientada pela Professora Doutora Margarida Simões (UTAD) e pela Professora Doutora Inês Relva (UTAD).

Neste âmbito, está a levar-se a cabo uma investigação cujo objetivo é estudar as atitudes e comportamentos dos jovens adolescentes face aos pais e amigos e condutas levadas a cabo em sociedade. Para a concretização dos objetivos mencionados e da recolha de dados que deles decorre, solicito a V. Ex.^a autorização para que o seu filho(a) (ou o educando pelo qual é responsável) preencha um questionário para a referida investigação. Esse questionário é anónimo, ficando assim assegurada a confidencialidade dos dados e a utilização criteriosa da informação recolhida, que se destina a fins meramente científicos.

Caso autorize o preenchimento deste questionário, queira por favor assinar este documento e devolvê-lo ao seu filho para ser entregue na escola.

Agradeço desde já a disponibilidade e a atenção dispensada.

Com os melhores cumprimentos,

(Ana Lúcia Teixeira)

Margarida Simões

Departamento de Psicologia e Ciências da Educação

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

5000 Vila Real Tel: 259 330100

Email: margaridas@utad.

Autorizo o meu filho(a) ou educando(a) de nome _____ a preencher o questionário de investigação a que se refere esta carta.

O (a) encarregado de educação

3.3. Parecer da comissão de Ética da UTAD

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
Comissão de Ética da UTAD



Parecer da Comissão de Ética N:	6/2018
Data:	28.02.2018
Assunto:	Doc 48A/CE/2017 Projeto de investigação "Tipos de maus tratos dos pares, violência domestica observada e comportamento desviante"
Requerente:	Ana Lúcia Teixeira - Coord: Margarida Simões; José Martins

A Comissão de Ética constata que as suas recomendações foram tidas em conta e, por esse facto, não se opõe à realização do trabalho.

Pela Comissão de Ética

O Presidente da Comissão

Pedro Miguel Mestre Alves da Silva